

NO RIO QUE CORRE LIGEIRO



CLAUDIR DOS SANTOS

APOIADORES:



PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS COROAS

CLAUDIR DOS SANTOS

**NO RIO QUE CORRE LIGEIRO
A CANOAGEM EM TRÊS COROAS**

**EDITORA JM2D
TRÊS COROAS / 2020**

NO RIO QUE CORRE LIGEIRO

A CANOAGEM EM TRÊS COROAS

Pesquisa e reportagens por

Claudir dos Santos

Claudir dos Santos, 2020

Foto da capa Adriano Stalin

Atleta da foto Murillo Sorgetz

**Revisão Valter Ribeiro Conforme Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa**

No rio que corre ligeiro, a canoagem em Três Coroas

Claudir dos Santos

Todos os direitos reservados

Editora JM2D, 2020.

ISBN 988-84-68283-03-1

1. Reportagem.

Sumário

1. Início do Slalom em Três Coroas
2. Primeiros barcos do Paranhana
3. Fundação da ASTECA
4. Desbravando o Rio que Corre Ligeiro
5. Criação do Parque das Laranjeiras
6. Primeiras provas no Estado
7. Primeiros destaques em competições nacionais
8. Primeiras viagens no continente
9. Primeiras provas na Europa
10. Olimpíadas de 1992 na Espanha
11. Olimpíadas de 1996 nos Estados Unidos
12. Mundial de 1997 em Três Coroas
13. O turismo de aventura
14. Olimpíadas de 2000 na Austrália
15. Modernização da canoagem brasileira
16. Remar no Parque das Laranjeiras é diferente!
17. Mundial Master 2013
18. Olimpíadas 2016 e a arbitragem
19. Escola de canoagem da ASTECA
20. O novo momento da canoagem brasileira
21. Campeonatos pan-americanos de 2018 e 2019 em Três Coroas

NOTA DO AUTOR:

Durante a produção de alguns conteúdos e também em conversas com amigos ligados à canoagem da cidade, diagnostiquei que uma história de grande valor como esta, merecia um registro escrito.

A ideia de escrever um livro sobre a canoagem surgiu após eu ficar sabendo que algumas matérias produzidas por mim foram utilizadas para ajudar os alunos da Escola de Canoagem da Asteca (Associação Trescoroense de Canoagem) a conhecer um pouco mais sobre a história do esporte na cidade.

Esta obra registra a história da canoagem através de uma visão construída a partir de pesquisas e entrevistas que relatam apenas parte dessa história, restando a certeza de que este assunto não está esgotado. Muitas pessoas ainda poderão ser ouvidas e, a partir de novas entrevistas, outros registros poderão compor parte de uma nova publicação para complementar os registros da história da canoagem de Três Coroas.

Este livro foi construído para contar sobre a canoagem de Três Coroas, mesmo para os que não praticam canoagem, ou ainda não conhecem Três Coroas, mas apreciam uma boa história.

A palavra três-coroense será encontrada nessa obra fora do padrão exigido pelo novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Usarei a palavra escrita da forma antiga a essa

nova regra, ou seja, trescoroense.

Primeiro porque a entidade Associação Trescoroense de Canoagem (Asteca), fundada em 1986, se encontra escrita dessa forma. Também porque, considerando um público de leitores da era digital e seu contexto linguístico de abreviações, a nomenclatura adotada deixa a leitura mais fluente. E por último, mas não menos importante, considero o hífen, nessa aplicação, um freio na leitura, diminuindo sua intensidade e seu propósito, se afastando das minhas referências literárias.

Enfim, apesar desse livro não ser uma história de minha criação, e sim um registro de acontecimentos, agradeço aos personagens que fizeram possível essa narrativa. Mesmo aos que não foram entrevistados para a concepção desta obra, mas fazem parte dessa história.

INÍCIO DO SLALOM EM TRÊS COROAS

O Festival de Canoagem era realizado anualmente, após a chegada do slalom, alguns acontecimentos mudaram a vida de muita gente, e também, a história da cidade de Três Coroas.

Durante a primavera de 1987, no calor de novembro, 15 mil pessoas testemunharam a primeira prova de canoagem slalom no rio Paranhana, ainda sem saber os rumos que a modalidade iria seguir.

“Em 1987, aconteceu pelo terceiro ano seguido um festival de canoagem em Três Coroas. Desta vez, com a primeira pista de slalom da cidade, no Camping da Pedreira”. Lembra Flavio Belloto, que foi o primeiro presidente da Associação Trescoroense de Canoagem (Asteca).

Antes do Festival, o dirigente foi em busca de mais informações sobre o slalom se deslocando em uma viagem de ônibus ao estado de Minas Gerais para acompanhar uma das primeiras provas da modalidade realizada em território brasileiro.

“Muito se falava do slalom, uma das primeiras provas no Brasil acontecia em Minas Gerais, fui de ônibus até lá, ver como era. Achei que realmente daria muito certo em Três Coroas”. Comenta.

Naquele ano, o Festival de Canoagem contou com uma modesta pista de slalom montada no Balneário da Pedreira. “Os melhores canoístas do Brasil estiveram em Três Coroas e viram que tínhamos uma gurizada remando muito bem.

Tivemos um intercâmbio muito bom”. Avalia Belotto.

Além da prova de slalom, até então inédita para os atletas trescoreenses, as modalidades de descida e velocidade eram as mais praticadas na cidade. Ainda não foi no slalom, mas naquele festival, a Asteca que havia sido fundada no ano anterior, teve pela primeira vez um atleta entre os primeiros lugares.

“A primeira conquista para a Asteca foi um terceiro lugar que tive na categoria descida do Festival de Canoagem de 1987”. Revela Fabio Fritz Hack.

Os campeonatos daquele período, realizados no Camping da Pedreira, além de apresentar o slalom para os atletas, também motivou muitos jovens que estavam iniciando no esporte.

“Particpei dos campeonatos na Pedreira, na época o pessoal usava os caiaques surfinho, de três metros. Uma turma daqui estava começando a remar, também um pessoal de outros estados participava. Ali, muita gente iniciou e pegou gosto pela canoagem”. Recorda Roger Eckard, que completa: “Os campeonatos eram muito grandes mesmo”.

Mesmo sem imaginar que uma década depois dessa apresentação do slalom para Três Coroas, a cidade iria receber um campeonato mundial da modalidade, o primeiro passo havia sido dado. “O campeonato de slalom de 1987 na Pedreira, me motivou bastante a ser um competidor. Antes disso, só andava de caiaque no rio”. Lembra Cristian Krumennauer.

A modalidade era nova na cidade, mas Três Coroas já reunia características parecidas com as encontradas nos lugares onde ela surgiu. “A canoagem slalom teve seu início nos alpes suíços. Está muito ligada com regiões de montanha, em cidades menores, afastadas dos grandes centros”, considera Leonardo Selbach.

O Festival de Canoagem de 1987 trouxe os primeiros praticantes do slalom do Brasil para Três Coroas. Também envolveu e motivou a cidade, criando os fatores necessários para sua continuidade e desenvolvimento.

“O Flávio conheceu em Minas Gerais um pessoal de São Paulo que fazia slalom, logo eles começaram a vir pra Três Coroas nos ensinar a modalidade”. Diz Leonardo Selbach, que também lembra sobre o envolvimento do público no Festival de Canoagem de 1987: “Foi sensacional! Teve show de banda de rock. O gramado do camping estava cheio”. Outros fatores também contribuíram para o desenvolvimento da canoagem slalom em Três Coroas, no Brasil e no mundo. Entre eles, a volta da modalidade aos jogos olímpicos de Barcelona, em 1992.

“Com a canoagem slalom de volta às olimpíadas, a canoagem de velocidade não era mais a única modalidade olímpica. Todo atleta sonha em participar de uma olimpíada”. Avalia Cristiano Arozi.

O desenvolvimento do esporte se desencadeou no cenário mundial, mas a cidade teve importante participação nisso. “Nasceu tudo aqui, o slalom cresceu no Brasil a partir de Três Coroas”. Complementa Arozi, que ainda diz: “Depois que formou a equipe de slalom, foi tudo muito rápido”.

Provas de canoagem slalom começaram acontecer em todo Brasil. O esporte começou a ganhar participantes em todo território nacional. A evolução dos atletas locais no slalom foi significativa, em pouco tempo, cerca de vinte canoístas da Asteca frequentavam as provas do estado, com bons resultados.

Mas a cidade não seria apenas mais uma na história da modalidade. “Em 1988 a gente começou a ver a necessidade de um local para uma pista de slalom, com maior desnível na água”. Lembra Flávio Belotto.

PRIMEIROS BARCOS DO PARANHANA

O início da canoagem no Rio Grande do Sul ocorreu no ano de 1943, quando um imigrante alemão, que residiu na região metropolitana de Porto Alegre, buscou nas águas do rio Taquari, lembrar o esporte que praticava na Alemanha, onde nascera em 1915. A partir disso, despertou na comunidade local o interesse pela canoagem.

Entre os anos de 1983 e 1984 surgiram os primeiros barcos de canoagem em Três Coroas. Em pouco tempo, os praticantes que se deslocavam do Vale do Rio dos Sinos, eram observados por um grupo de jovens que, com curiosidade e entusiasmo, acompanhavam a novidade no rio Paranhana. Sem demora, os trescoroenses estavam praticando o esporte.

“Era bastante comum brincar na água com câmeras de caminhão, descer o rio no trecho da prainha, entre as pontes do Centro. Entre 1983 e 1984 apareceram os primeiros barcos na cidade, trazidos por algumas pessoas de Novo Hamburgo. Logo, estávamos amarrando as câmeras e fazendo remos. O primeiro caiaque da cidade foi do Ludgero Michalski, o segundo foi o meu. Comprei desse pessoal de Novo Hamburgo, que desciam de Sander até o Centro”. Recorda Fa bio Fritz Haack, que fez parte desse grupo que começou a participar de algumas provas. “Em pouco tempo já tínhamos um grupo de pessoas remando, esse pessoal de Novo Hamburgo sabia que estávamos iniciando e nos convidaram para uma prova na

cidade de Muçum. Foi quando começamos a nos organizar”. Completa.

“Não tinha muitas opções de esporte na cidade, para os jovens cheios de adrenalina, a canoagem era o ideal, também pelo contato com a água e a natureza”. Avalia Roger Eckhard, que também estava inserido entre os primeiros praticantes de canoagem na cidade.

Eckhard ainda reflete sobre a importância da canoagem para aquele grupo de jovens que ele fez parte: “Eu acho que todo mundo devia fazer um esporte, ainda mais nos dias de hoje. Muitas pessoas ficam enclausuradas em casa, num computador, num vídeo game, ou no celular. Pouca gente tem contato com a natureza. A canoagem em Três Coroas proporciona isso”.

Brincar no rio era uma diversão de muitos trescoroenses naquelas temporadas de verão, em um tempo ainda distante dos smartphones. A chegada da canoagem chamou atenção de todos. Alguns que não estavam entre os primeiros praticantes do esporte na cidade, mais tarde acabaram se aproximando dele.

“O Márcio Tomazoni e eu éramos vizinhos. Um pessoal de Novo Hamburgo começou a andar aqui e logo tinha gente da cidade andando também. A gente vivia no rio, brincando, tomando banho. Quando começou esse negócio de caiaque, ficamos sabendo que teria uma prova que passaria pelo centro, com a chegada no CTG. Combinamos e fomos com boias e remos de madeira pelo rio até a chegada”. Lembra Cristiano Arozi, que anos mais tarde se tornaria multicampeão nacional.

Essas pessoas de Novo Hamburgo, que foram os precursores da canoagem nas corredeiras de Três Coroas, quando visitavam a cidade com seus barcos aos finais de semana, estimularam o primeiro evento. Em 1985 aconteceu o primeiro festival brasileiro de caiaque, reunindo nas águas

trescoroenses esportistas de diferentes regiões.

“Foram criadas regras próprias. A canoagem ainda não era um esporte olímpico, nem o slalom era praticado por aqui. Veio bastante gente de outras cidades, inclusive de outros estados”. Recorda Flávio Belotto.

“Um primeiro festival foi realizado na cidade, com a chegada no Centro. o Ludgero e o Fritz já participaram, eu comecei em seguida, em 1985 já éramos um pequeno grupo com pouco mais de 10 pessoas. Com apoio da prefeitura, viajamos pelo estado em diversas competições”. Declara Leonardo Selbach, que completa: “A gente jogava futebol juntos, no verão o pessoal começou a andar de caiaque e logo já era a diversão de um monte de gente”.

“A canoagem era descer o rio, com a chegada do slalom mudou o perfil dos treinos. Começamos a ver que no exterior, os treinos eram filmados. Também começamos fazer aqui, para ver nos vídeos em quais trechos poderia ser mais rápido. Com isso, os erros que eram cometidos poderiam ser mais bem corrigidos. Muito treinador filma até hoje, muito mais comum que naquela época. Os celulares de hoje filmam melhor que as câmeras daquele tempo”. Declara Fabio Fritz Haack, que desenvolveu sua paixão e trabalho com filmagens a partir dos treinos com a canoagem. “Todo dia a gente anotava o tempo de cada um, uns ajudavam os outros dando dicas”. Conclui.

Os primeiros festivais de canoagem na cidade aconteceram a partir de 1985, realizados anualmente no Camping da Pedreira. A terceira edição, o Festival de Canoagem (1987), foi patrocinado pela marca de cigarros Hollywood. Aconteceram shows musicais. O trabalho de divulgação resultou em um grande público, reunindo mais de 15 mil pessoas. O evento ficou marcado pela primeira pista da

modalidade slalom na cidade.

“A volta da modalidade aos jogos olímpicos em 1992 aconteceu justamente quando começou a se visualizar, de forma pioneira, a busca por uma grande competição da canoagem slalom em Três Coroas. Isso ao mesmo tempo que a modalidade se desenvolveu no rio Paranhana, com um grupo de pessoas participando das provas internacionais. A gente não percebia isso naquele momento”. Reflete Cristian Krummenauer.

FUNDAÇÃO DA ASTECA

Algumas coisas acontecem sem que os envolvidos imaginem a dimensão daquela ação no futuro. Assim foi com a fundação da Asteca, que surgiu a partir da necessidade de organizar o movimento da canoagem que acontecia em Três Coroas.

“Eu comecei a remar junto com a fundação da Asteca, em 1986. No final de semana de fundação da Associação, foi a primeira prova do campeonato municipal, também minha estreia, com 11 anos”. Recorda Gustavo Selbach, que em suas palestras fala que iniciou no esporte por diversão, apesar de não medir esforços para treinar e buscar resultados. Considera que tudo aconteceu em função do empenho e dedicação de todos os envolvidos com a entidade, apesar da pouca estrutura.

“Algo que foi importante para o desenvolvimento da canoagem é termos um rio cruzando a cidade, a nossa diversão estava garantida, gostávamos muito do que a gente fazia. O contato com a natureza foi também um fator importante”. Avalia Gustavo Selbach.

A oficialização da Asteca, ocorreu para que a prefeitura pudesse auxiliar uma entidade e não somente um grupo de jovens que remava e queria participar de provas no estado. As inscrições nesses eventos, também saia mais barato para atletas que faziam parte de alguma associação de canoagem, como estímulo para os atletas se organizarem.

“As inscrições para as provas eram mais caras pra quem não fazia parte de Associação, logo criamos a Asteca”. Conta Fabio Fritz.

“A Asteca começou a surgir pela nossa organização e no dia 12 de março de 1986 fundamos a Associação Trescoroense de Canoagem”. Declara Flávio Belotto.

“A gente tinha muitos admiradores, um pessoal que tinha um barco pra remar no final de semana. Também estávamos conseguindo destaque nas provas que os atletas participavam”. Comenta o primeiro presidente, Flávio Belotto.

“Em 1987, no segundo ano da Asteca, ainda não tínhamos aumentado muito nosso grupo, desde a fundação, então fizemos uma campanha para chamar mais remadores”. Recorda Flávio Belotto. “Desde 1987 a gente sempre trabalhou com ações que serviram pra buscar mais adeptos. A Asteca nunca parou. Passou por crises e dificuldades. No inverno de 1987, tínhamos somente quatro ou cinco remadores. Precisávamos melhorar”. Considerou o dirigente.

“Começamos a descer o rio, a prefeitura disponibilizava o transporte todo final de semana. Da mesma forma acontecia para competições no estado. A gente começou a treinar um pouco mais pra essas competições. Começaram a surgir os resultados. O Ludgero e o Fritz foram os primeiros a conseguir bons resultados, isso estimulava todo mundo. Não demorou pra todo final de tarde a gente se reunir pra treinar”. Recorda Leonardo Selbach. “A canoagem slalom tinha alguns atletas de São Paulo, que logo estavam em Três Coroas nos ajudando a construir e promover tudo, também pra ter mais atletas e lugares onde praticar a modalidade”.

“Nos primeiros eventos (Festival de Canoagem) eu

particpei no auxílio em terra, prestando socorro, porque eu não tinha caiaque. No início de 1986, comprei meu primeiro barco e logo foi fundada a Asteca”. Recorda Márcio Tomazoni, que participou das primeiras provas em Três Coroas. “Nos anos seguintes a fundação da Asteca, o esporte começou a se popularizar na cidade. No início éramos uma gurizadinha, nos anos seguintes tinha gente mais velha remando junto. A Asteca começou a viajar para os campeonatos pelo estado, sempre com bastante gente, e só foi aumentando a cada ano”.

Não existia muita dificuldade pra organizar os treinos, os jovens queriam se divertir e estar na água. “A gente combinava com o pessoal da canoa um horário, o pessoal do caiaque combinava o horário deles, às vezes a gente treinava todo mundo junto, que era importante também”. Recorda Roger Eckhard.

“Nosso modelo de gestão era simples, sem estrutura burocrática, as decisões tomadas de forma horizontal, as coisas aconteciam em Três Coroas muito pela vontade, dando resultados e otimizando recursos”. Considera Gustavo Selbach.

DESBRAVANDO O RIO QUE CORRE LIGEIRO

Paranhana é uma palavra de origem no idioma guarani, que significa rio que corre ligeiro. O vale de mesmo nome, que fica entre a região metropolitana de Porto Alegre e a serra gaúcha, é cortado por esse rio, que nasce na cidade de Canela e corre ligeiro, em declive, passando por Três Coroas. Nesse trecho, suas corredeiras remetem as origens da canoagem slalom.

“Durante a semana, a gente treinava no centro da cidade, na água parada. Em final de semana, a gente subia pra treinar nas corredeiras”. Recorda Leonardo Selbach. “Todo sábado e domingo a gente descia o rio. No fim do primeiro dia, a gente fazia a manutenção dos barcos pra descer no dia seguinte. Naquele tempo, a gente demorava bastante, descia rolando em muitos lugares”.

“Fiz bastante descida. A gente descia da usina até a ponte do Goettert. Também o trecho de lá até a Asteca. A gente fazia isso quase todo final de semana. Era nossa diversão”. Considera Roger Eckhard.

No ano de 1984, os jovens decidiram pela primeira vez descer o rio em um trecho ainda desconhecido. “Partimos de uma ponte um pouco abaixo da barragem. A sorte que o rio não estava muito cheio. Já nas primeiras remadas muitos viraram. Um colega, sem muita prática, quase se afogou. Tivemos que convencer ele a não descer naquele dia”. Revela Fritz. “Seguimos desbravando. Pelo contorno, chamamos um lugar de ‘S’, que

passou a ser chamado de ‘S pequeno’ porque logo depois encontramos o ‘S grande’, que hoje fica no início do Parque das Laranjeiras. Fui o primeiro a descer essa corredeira”.

“A gente passava sempre por ali, falávamos que seria incrível uma pista naquele lugar. Era o ‘S’, um pouco mais pra baixo fica a ‘escadaria’, com um declive legal, ali era muito bom porque tinha a opção de esticar os cabos para as balizas, com um trecho de corredeira boa para o slalom”. Lembra Roger Eckhard. “A gente remava na Asteca, apesar da água mais parada, era possível fazer um treino de balizas, treinar a resistência na água, mas a gente precisava de um lugar com mais corredeiras”.

Antes de visualizar uma pista de slalom na cidade, as descidas no rio eram aventura misturada com treino. O esporte foi o resultado do lazer e diversão. “Iniciamos com as provas de descida de um ponto a outro do rio. Muitas vezes fomos de caçamba, era muito prático pra levar os caiaques”. Comenta Cristiano Arozi.

“Nós descíamos todo final de semana pelo rio, muitas vezes eu que combinava com o pessoal da garagem da prefeitura para no sábado e no domingo a caçamba levar o pessoal até a barragem pra gente descer o rio. Isso durante muitos anos”. Complementa Arozi. “Todo mundo queria fazer de tudo; slalom, descida e velocidade. Não tinha uma definição do que cada um queria fazer. Se era canoagem, estávamos dentro”.

“As primeiras competições eram descidas de rio”. Lembra Fabio Fritz Haack. “A gente remava a descida de Linha Café Alta, da ponte próxima da sociedade, até a Pedreira, em Linha Café Baixa. Quando descobrimos o slalom, muitos começaram a focar nessa modalidade. Nosso lugar é privilegiado para treinar, pela água limpa e corredeiras perfeitas”.

“Teve uma época que guardávamos os barcos na antiga sede dos escoteiros, que também era próxima ao rio, no Centro

da cidade. Depois passamos a deixar no porão do museu, mas quando chovia ficava alagado lá. Depois, próximo da casa do Periquito, até termos a sede da Asteca”. Pontua Fabio Fritz Haack.

“O próprio desafio de descer o rio era algo que motivava. Eram provas de descidas com duas etapas: a primeira até a Pedreira, depois a segunda até o CTG”. Conta Gustavo Selbach.

Um ano após a chegada do slalom, já na realização do festival de canoagem de 1988, a modalidade slalom passou a ser a mais praticada na cidade.

“Nossos atletas, e o local, eram propícios para o slalom. Tentamos a canoagem de velocidade, inclusive a Asteca teve ótimos resultados em 1988 em uma competição na cidade de Estrela. Mas não tínhamos um local apropriado para a prática em nosso rio, o que dificultou um pouco”. Considera Gustavo Selbach, que complementa: “Também com o anúncio de que a canoagem slalom se tornaria uma modalidade olímpica, a partir de 1992, fez mais gente aderir a modalidade”.

“No início, era nossa diversão encontrar com o grupo e remar todos os dias da semana na Asteca. No final de semana a gente carregava a caçamba com os caiaques e descia o rio, junto com o pessoal do boia cross. Depois que tínhamos uma pista e buscamos os resultados, nos tornamos mais competitivos. Enquanto grupo, sempre foi importante essa competitividade, ajudou nossa busca pelo alto rendimento”. Avalia, Cristian Krummenauer.

As provas eram divididas em duas etapas, na parte alta do rio com mais corredeiras, e depois até o Centro de Três Coroas.

“O que a gente mais gostava de fazer era a descida do rio na parte alta, da saída da barragem até a ponte do Goettert, o trecho mais explorado por todo mundo, que reunia as melhores corredeiras. Depois da ponte e logo depois da Pedreira, que é quase junto, as corredeiras já começavam a diminuir. O nível de

inclinação do rio também é menor”. Declara Márcio Tomazoni, que se lembra das primeiras competições na cidade, quando ainda não competia, mas já estava envolvido na equipe de apoio, pegando gosto pela canoagem. “Tinha muita gente envolvida, eu mesmo, em 1985 já gostava da ideia, assim tinha muitos amigos que estavam nesse auxílio. A gente tava lá pra ajudar em pontos estratégicos. Ninguém tinha experiência de resgate em rio, era na vontade de ajudar mesmo”. Diz Márcio Tomazoni, que continua: “Um ponto de apoio era onde hoje fica o Parque das Laranjeiras, a gente chegava pelo lado oposto do rio, de onde é a entrada hoje. A gente ficava no ‘S grande’, subia um pouco mais e chegava no ‘S pequeno’. Logo depois tem a ‘escadaria’, que era muito difícil também. Aquele trecho era um pouco temido”.

Algumas vezes, a descida não podia ser completada devido algum acidente de percurso com os equipamentos, ainda longe dos que conhecemos atualmente.

“A nossa subida pra descer o rio normalmente era de caçamba, a prefeitura fornecia o transporte e todo mundo embarcava com os caiaques. Muitas vezes, o caiaque quebrava, furava, acontecia algo e não dava pra continuar a descida. Nesses casos, tinha que sair do rio e ficar esperando na beira da estrada. Depois de todo mundo se encontrar no ponto de chegada e carregar os barcos na caçamba, ainda tinha que resgatar os que ficavam no percurso”. Lembra Márcio Tomazoni.

Mesmo quem ficava esperando o transporte por horas na beira da estrada, às vezes no inverno, molhado, com frio; ao ser resgatado, o único pensamento era consertar o barco e voltar na semana seguinte. “Todo mundo sempre voltava com muito entusiasmo”. Pontua Márcio Tomazoni.

CRIAÇÃO DO PARQUE DAS LARANJEIRAS

Naturalmente, a criação de uma pista teria que ser no trecho da descida do rio Paranhana que deixava os atletas locais bastante entusiasmados. Logo, começaram a se referir, quando conversavam sobre o trajeto, sobre a parte da “curva do S”. Ainda não seria possível imaginar a importância que esse lugar teria para a canoagem brasileira e mundial. O melhor local para praticar o slalom, nas águas do rio que corre ligeiro, tinha sido encontrado. Uma pista ficaria muito bem ali. Quem conhece o Parque das Laranjeiras concorda.

“Em 1989, a gente apresentou o projeto para a prefeitura e foi bem aceito. Então começamos a correr atrás e o poder público realizou a compra e as primeiras obras, com banheiros e acesso ao rio”. Recorda Flávio Belotto.

Com as melhorias feitas, a “curva do S” passou a fazer parte do Parque das Laranjeiras, que se tornou a principal pista de slalom do Brasil.

“Conforme o slalom foi evoluindo, a gente percebeu que o grau de inclinação e as corredeiras naquele trecho do ‘S’ eram ideais pra fazer uma pista. Além de uma área de terra onde era possível fazer um Parque.” Declara Márcio Tomazoni. Foi muito rápido o surgimento da canoagem e o desenvolvimento do slalom na cidade. Em 1989, já com a estrutura do Parque sendo montada, a primeira prova internacional aconteceu no local.

“O primeiro evento internacional de Três Coroas foi

o Campeonato Sulamericano de 1989. Em 1990 aconteceu um Festival Sulamericano”. Diz Flávio Belotto. “Nós já éramos referência na canoagem slalom do Brasil, alguns atletas já participavam das primeiras provas internacionais, representando a canoagem brasileira”.

“Aquele lugar foi comprado pra sediar, em 1989, o primeiro Campeonato Sulamericano de slalom em Três Coroas”. Confirma Leonardo Selbach.

“A composição geográfica do lugar, onde tinha a ‘curva do S’ foi importante. Já se pensava em fazer um parque ali. Esse mesmo grupo, que já remava junto, começou a usar aquele espaço como uma incubadora de oportunidades de trabalho. Utilizando o meio natural e o rio Paranhana para o turismo. Em poucos lugares no mundo isso deu tão certo. Temos exemplo de pistas olímpicas que foram abandonadas por má gestão”. Declara Cristian Krummenauer. “A canoagem trouxe a oportunidade, mas as pessoas que até hoje continuam remando, ou utilizando o rio como uma ferramenta de desenvolvimento social, fazem a diferença”.

“O desnível do rio, a corredeira contínua e a beleza do local, eram atrativos que deixavam aquele trecho mais interessante. Além disso, era um local onde algumas pessoas já ficavam na beira do rio assistindo. Também tinha uma facilidade com a área de terra, plana e com fácil acesso ao rio”. Recorda Gustavo Selbach. “Logo estava se falando outras línguas na cidade, eram argentinos e chilenos que movimentaram e deram uma dimensão diferente. Tivemos a inauguração do Ginásio Municipal, com show da banda Engenheiros do Hawaii, na abertura do Festival de Canoagem. Depois vieram outros shows grandes. Essa dimensão cultural foi bem importante. Na década de 1990, muitos shows nacionais aconteceram na

cidade em função da canoagem”.

A partir de 1989, com a realização dos eventos no Parque das Laranjeiras, a visão da cidade com a canoagem começou a mudar.

“Ainda nos dias de hoje, conheço pessoas que durante aquele tempo frequentavam os shows, visitavam o Parque das Laranjeiras e torciam nas provas. Muita gente ainda vai pra lá com nostalgia daquele tempo. Ainda não havia redes sociais, então a gente não sabia muito quem acompanhava, mas foi um tempo onde o público também viveu bastante o momento da canoagem”. Declara Gustavo Selbach.

“Eu lembro que a cidade esperava pela data do evento e quando ele estava ocorrendo, era algo muito especial. Os shows agregados ao evento esportivo. Isso nunca houve no exterior”. Recorda Cristian Krummenauer. “A gente só se deu conta da grandiosidade dos eventos, quando nos afastamos do meio competitivo. Nem sabíamos da importância que esses eventos tiveram como um todo. Os principais jornais estavam lá. Pra gente era muito natural, pois estávamos no alto rendimento do esporte”.

“Nas provas, a gente se espalhava na beira do rio pra ficar gritando e estimulando quem estava na água. Remar nas Laranjeiras é emocionante, mas a cobrança também é maior, pois as pessoas da cidade estão ali”. Avalia Fabio Fritz Haack. “Quando começaram as provas no Parque das Laranjeiras, os resultados eram muito expressivos, entre os 10 melhores tínhamos sete ou oito de Três Coroas. Era bem difícil alguém vir para a cidade e ganhar de nós”.

PRIMEIRAS PROVAS NO ESTADO

Quando começaram a acontecer as primeiras competições pelo estado, algumas vezes o transporte para as competições era nos carros dos mais velhos, com os barcos presos em cima do automóvel. Mas o grande número de competidores trescoroenses também fazia com que a prefeitura, muitas vezes, ajudasse com o deslocamento. Os competidores começavam a levar o nome da cidade para diversos lugares. A caçamba, que aos finais de semana já fazia o trajeto do Centro da cidade até a barragem, passou a também ser o transporte para competições em diferentes lugares do estado.

“Algumas pessoas tinham carros, eventualmente a prefeitura sedia uma marajó e até a caçamba”. Comenta Flávio Belotto.

Muitas viagens foram de caçamba. Algumas vezes no inverno, quando além da lona que cobria os atletas e os barcos, também se tornavam indispensáveis os cobertores, para aquecer os momentos de cochilo no trajeto. Talvez nem nos melhores sonhos daqueles jovens, alguém pudesse imaginar que o caminho que estava sendo realizado na caçamba, fazia parte da história da canoagem.

“A gente viajava na lata da caçamba mesmo. Os menores tinham o privilégio de sentar na frente, com o motorista, que era o ‘Paraná’, que é uma pessoa muito querida dentro da canoagem. Ele era o motorista da prefeitura e levava o grupo todos os finais de semana para o Parque e para as viagens. Ajudava muito a gente. Não por acaso, ele trabalhou comigo.

Durante 12 anos foi motorista de transporte turístico, na empresa onde sou responsável”. Revela Cristian Kruppenauer.

“Nos primeiros anos da Asteca, a gente ia para as competições no estado com a própria caçamba da prefeitura. O motorista levava os caiaques, também a gente, em cima da caçamba”. Lembra Márcio Tomazoni sobre as viagens, que aconteceram para as competições nas cidades de Montenegro, Serafina Corrêa, Muçum, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Estrela, entre outras.

“No início a gente viajava muito para competições do estado com o auxílio da caçamba da prefeitura. Eram provas de descida, de longa distância, de velocidade. A gente procurava competir em todas as provas de canoagem”. Recorda Gustavo Selbach.

“A canoagem ainda era uma novidade, em alguns campeonatos a prefeitura sedia a tombadeira e a turma embarcava feliz com os caiaques. Dormíamos em barracas. Eram bons momentos”. Afirma Roger Eckhard.

“A primeira competição que começamos a ganhar destaque foi na cidade de Estrela, no Campeonato Brasileiro de Canoagem de Velocidade. A Asteca tinha somente uma embarcação dessa modalidade, que era olímpica, enquanto o slalom ainda não fazia parte dos jogos. Um pessoal veio de outros estados, um grande evento que reuniu os praticantes da canoagem de velocidade no rio Taquari”. Lembra Cristiano Arozi. “Veio um ônibus com atletas da USP. Pra nós essa competição marcou, pois foi a primeira vez que um pessoal da cidade se deu bem”.

“Em 1988, no Campeonato Brasileiro de Velocidade em Estrela, o Cristiano Arozi foi muito bem”. Recorda Leonardo Selbach.

“Em matéria de descida de rio, o Cristiano é campeão, pra pegar ele, tinha que remar muito, ele descia voando”. Diz Roger Eckhard.

A delegação de São Paulo estava com toda a equipe na

cidade de Estrela. Um ônibus trouxe os atletas que faziam parte da seleção brasileira, eram orientados por profissionais de educação física, fisioterapeutas, nutricionistas e os melhores treinadores. Mas eles não sabiam que a caçamba que tinha levado a delegação de Três Coroas estava carregada de jovens sonhadores. O desempenho do Cristiano surpreendeu muita gente. A seleção brasileira ficou impressionada com aquele jovem, sem treinador, com remo de plástico e cercado de amigos gritando na beira da pista. Nem os melhores barcos conseguiam alcançar ele.

Pouco tempo depois da competição, aconteceu de forma natural um convite, que mostrou que os sonhos carregados na caçamba poderiam ser alcançados. “Eu tive a oportunidade de fazer parte da seleção brasileira de canoagem de velocidade, que tinha sua base na USP. Na ocasião eu fiquei um pouco assustado com a ideia de morar em São Paulo, eu já tinha viajado algumas vezes pra lá e queria mesmo era ficar em Três Coroas. Como eu gostava de corredeira também, me criei descendo rio, remei por um tempo no slalom, mas minha principal opção foi fazer provas de descidas. A modalidade não é forte na América do Sul, tem mundiais, mas não é uma modalidade olímpica. Nosso rio é ótimo pra descida”. Diz Cristiano Arozi, que fez parte da seleção brasileira e venceu diversas provas de descidas no Brasil e participou de mundiais da categoria em águas da Europa.

PRIMEIROS DESTAQUES EM COMPETIÇÕES NACIONAIS

“Fretamos um ônibus com toda a delegação do Rio Grande do Sul para o Campeonato Brasileiro de Canoagem de Descida realizado na cidade de Domingos Martins, no Espírito Santo. Ninguém de nós era favorito, éramos um grupo de garotos com média de uns 15 ou 16 anos de idade, e fomos muito bem lá”. Recorda Leonardo Selbach, que venceu aquela prova.

“A gente sabia que o nível do Cristiano Arozi era muito alto, pelos bons resultados no estado. Nos treinos, já percebemos que os competidores de lá não tinham uma linha de água bem definida. Todo mundo daqui andava bem mais rápido. Entre os dez melhores da competição, sete foram da delegação gaúcha”. Recorda Fabio Fritz, que estava entre os que conquistaram bons resultados.

“Da mesma forma que o Cristiano teve uma participação surpreendente numa primeira prova, em Domingos Martins, foi o Leonardo que também impressionou. Foi a primeira prova de descida que participamos em outro estado, não tínhamos ideia do que iríamos encontrar. Mesmo os outros gaúchos não tinham referência de como estava o nível dos outros estados do Brasil. Entre os 10 melhores, mais da metade era da delegação gaúcha. Nosso nível estava muito alto e nem sabíamos disso”. Diz Flávio Belotto.

“Nesse período, começamos a vencer provas fora do estado. O Leonardo venceu um Campeonato Brasileiro no Espírito Santo, também uma prova de velocidade na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro”. Lembra Gustavo Selbach.

“A canoagem foi evoluindo bastante na década de 1990. Se olharmos os resultados dos campeonatos brasileiros e outras competições, entre os dez primeiros, tinha sete ou oito do Rio Grande do Sul, muitos de Três Coroas. Essa hegemonia até se estendia para as competições sulamericanas, mas nunca se traduziu em algo pra competir com os europeus e norteamericanos”. Considera Leonardo Selbach.

“O Cristiano Arozi ganhou muitas vezes em Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro. Por um tempo, ele foi o cara na modalidade de descida”. Afirmo Flávio Belotto.

“No mesmo final de semana, aconteceram duas competições importantes da canoagem nacional, no domingo à noite a rede globo noticiou que o Gustavo Selbach havia vencido a prova de slalom em Três Coroas. Instantes depois, mostrou minha vitória no Campeonato Brasileiro de Descida, na cidade de Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro. Foi um mesmo programa, em rede nacional, mostrando duas conquistas de Três Coroas”. Lembra Cristiano Arozi. “Na década de 1990, em nove participações, venci oito vezes a tradicional prova em Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro. A prova era classificatória para o mundial, por isso, bastante prestigiada pela mídia do centro do país”.

“Eu sugeri para os patrocinadores do evento, após a terceira edição, que eles bancassem a ida do vencedor ao mundial, como forma de premiação. Eles começaram a bancar as viagens e dar premiação em dinheiro pra estimular os competidores”. Revela Cristiano Arozi, que normalmente vencia, garantindo assim sua participação no mundial de descida disputado na Europa.

“Depois eu sugeri aos patrocinadores trazer o campeão mundial por quatro vezes, um alemão. Também o inglês que tinha sido quatro vezes vice-campeão mundial, além de campeão europeu. Acabei ganhando a prova dos dois aqui no Brasil”.

Um pouco antes do aguardado Festival de Canoagem Slalom de Três Coroas, que aconteceria em novembro de 1988, Gustavo Selbach, lembra de sua participação em uma prova de slalom na cidade de Juquitiba, em São Paulo, no inverno daquele ano. “Foi uma prova muito difícil. Não tínhamos um equipamento competitivo. Depois compramos barcos melhores e nos preparamos para o Festival Brasileiro em Três Coroas. Além do resultado, o mais importante foi o aprendizado”.

“Eu acho que um dos primeiros momentos marcantes que a canoagem de Três Coroas passou, foi em uma prova na cidade de Juquitiba, em São Paulo. Tínhamos recebido os ensinamentos e depois disso organizaram a prova lá. A canoagem do sul e do sudeste ainda não tinha participado de muitas provas juntas. Depois disso, muita gente se empolgou e começou a treinar bastante o slalom”. Considera Márcio Tomazoni. “Tinha uma coisa nova surgindo, que tinha tudo a ver com a cidade. Ainda apareciam umas competições na mídia nacional. Isso tudo impulsionou a canoagem”.

“Naquele tempo, a gente tinha uma cobertura da mídia muito maior do que hoje. Qualquer campeonato que a gente estava, no outro dia aparecia no jornal, na televisão. Então o pessoal começou a visitar a cidade, que logo se tornou um polo forte. Isso atraiu mais gente pra fazer a canoagem”. Diz Roger Eckhard.

“Os paulistas que viajavam para os Estados Unidos e Europa viram em Três Coroas a possibilidade do slalom se desenvolver. Também pelo grupo de pessoas se dedicando à

modalidade”. Reflete Cristiano Arozi.

Precusores da canoagem no Brasil, José Roberto Pupo e Massimo Desiati, que participaram e estimularam as primeiras provas no país, também estiveram em Três Coroas colaborando nos primeiros ensinamentos e na organização do grupo.

“Esse pessoal que veio de São Paulo nos passou o que tinham aprendido, mas só por observar, ninguém tinha ensinado eles lá, eles tinham um pouco de conhecimento técnico por viajar pra algumas competições nos Estados Unidos. Eles estiveram no pré-mundial em 1988, no ano seguinte vieram pra Três Coroas ensinar as técnicas que viram”. Revela Márcio Tomazoni.

PRIMEIRAS VIAGENS NO CONTINENTE

No início do slalom, os primeiros países sul-americanos a praticar o esporte, além do Brasil, foram Chile e Argentina. Por serem países com regiões montanhosas e rios de corredeiras, recebiam atletas de diversos países que, em determinados períodos do ano, não podiam praticar canoagem na Europa.

No ano de 1987, enquanto a modalidade slalom se desenvolvia em Três Coroas, simultaneamente acontecia a primeira viagem internacional da Asteca. Após os bons resultados em provas nacionais, Cristiano Arozi participou do Campeonato Sulamericano no Chile.

“A gente foi de ônibus, uma água muito gelada que vinha da cordilheira. Fiquei com febre um dia antes da prova, por causa do frio. Nessa prova, fiquei em quinto lugar na categoria júnior”.
Recorda Cristiano Arozi.

Mesmo para os atletas da Asteca que não foram para a primeira prova internacional, a competição serviu de estímulo. Seria a primeira de muitas.

“Após o Campeonato Sulamericano, o Cristiano Arozi se especializou em descida, depois venceu várias provas no Brasil”. Recorda Flávio Belotto.

No ano seguinte, o Campeonato Sulamericano de 1988 foi novamente disputado no Chile. “A delegação da Asteca disputou a competição em duas categorias, no slalom e na descida”.

“Depois dos primeiros ensinamentos, começamos a ter mais contato com o slalom. Em 1988, fomos em uma turma da cidade para o Campeonato Sulamerino em Los Andes, no Chile. Fui campeão sulamericano lá”. Recorda Márcio Tomazoni.

“Em 1988 fizemos uma viagem para o Chile, em um Campeonato Sulamericano. No ano seguinte o Sulamericano foi em Três Coroas”. Recorda Gustavo Selbach. “Fomos um lugar estratégico para esse tipo de competição, por ser próximo dos outros países onde tinham competidores e também do centro do país, de onde já vinham atletas aproveitar a estrutura que permitia treinar aqui. Uma cidade acolhedora, razoavelmente barata, com proximidade da capital, Porto Alegre, e a facilidade para os locais de treinamento, foram fatores importantes”.

“Nos anos 80, os norte-americanos treinavam muito no Chile. Os chilenos achavam que ninguém remava muito no Brasil, mas foram surpreendidos. Nosso nível estava muito alto, além de conquistas individuais, também fomos a delegação com maior pontuação”. Destaca Leonardo Selbach.

Para essa competição disputada no Chile, após um erro de cerca de 500 quilômetros no caminho, a delegação chegou com atraso ao rio que desce pela Cordilheira do Aconcágua. Com isso, não foi possível treinar na pista que ficava na Província de San Juan. “Mesmo sem treinar, ganhamos deles lá, no slalom e na descida”. Lembra Fabio Fritz Haack. “Nosso equipamento era muito inferior. Em uma prova perdi o barco. Na segunda descida que fiz, tomei um caldo e abriu a saia da embarcação, que era feita aqui, e não prendia muito bem. O barco inundou e quebrou ao meio. No final da prova, um morador de lá pediu se eu venderia o barco por 50 dólares. Vendi pra ele, que disse que iria guardar para mostrar para as pessoas que o rio deles era violento”.

As viagens pela América também foram importantes para melhorar a técnica, assim como dicas e vídeos, que eram passados de uns para os outros, ainda antes de um professor ensinar a canoagem ao grupo de Três Coroas.

“O primeiro barco de plástico que veio para a região, eu comprei lá, em 1989. No ano seguinte, alguns competidores começaram a ir para provas na Europa e trazer equipamentos melhores de lá”. Revela Fabio Fritz.

No ano de 1989, o Campeonato Sulamericano de canoagem foi a primeira competição internacional disputada no Parque das Laranjeiras.

A capital nacional da canoagem não foi um termo usado por acaso. “Quando o a canoagem estava crescendo no Brasil, participamos de muitas provas em outros países. Os atletas de outros estados se reuniam aqui, de onde saía o ônibus para as provas sulamericanas. Éramos o centro de referência da canoagem no Brasil”. Recorda Flávio Belotto.

No ano de 1992, uma grande delegação saiu de Três Coroas para representar o Brasil na Copa Conesul, no Chile. “Soldamos recks pra botar os caiaques em cima do ônibus ,fomos assim de Três Coroas pro Chile, com umas 40 pessoas, a grande maioria da cidade mesmo. Na década de 1990, a grande maioria da delegação brasileira era trescoroense”. Aponta Cristian Krummenauer. “A nível nacional e sulamericano, tinha muita gente de Três Coroas do primeiro ao décimo lugar”.

PRIMEIRAS PROVAS NA EUROPA

A canoagem slalom tem origem nas montanhas da Suíça, onde os esportes de inverno são tradicionais. No verão de 1932, após o derretimento da neve, os praticantes de esqui não se conformaram em esperar o retorno do inverno para voltar a descer a montanha em slalom. A neve derretida aumentou o nível dos rios que correm ligeiro e descem as montanhas de lá. Com isso, os esportistas decidiram fazer a descida pela água, com barcos, simulando o slalom do esqui.

“É muito difícil, de uma hora pra outra, querer competir de igual com eles. O esporte saiu de lá, é competitivo lá”. Avalia Roger Eckhard.

“Conhecemos pessoas do circuito internacional nos anos de 1988 e 1989, quando os gringos também vieram treinar no Brasil. Houve um intercâmbio muito grande, isso elevou bastante o nível da nossa canoagem”. Considera Leonardo Selbach.

“Nas primeiras viagens pro exterior, a gente alugava um carro e fazia praticamente toda Europa, passava por França, Portugal, Espanha, Alemanha, Itália, em todos os países próximos onde tinha competição, a gente rodava de carro”. Recorda Roger Eckhard, que continua: “A gente tem que competir com gente melhor que nós, pra poder chegar ao nível de competição deles. Na Europa, são muitas competições, tem campeonato quase todo final de semana, como qualquer outro

esporte. Aqui, temos poucas competições, daí o atleta treina um monte e compete uma vez por ano. Com poucos atletas competindo. Na competição a adrenalina sobe, é bastante diferente”.

No Brasil, os atletas tinham acesso a poucos vídeos dos melhores remadores do mundo. As viagens, eram a oportunidade de ver um pouco mais. Não era possível gravar as imagens com a mesma facilidade dos dias atuais, então, cada segundo era muito bem observado.

“A gente não saía da beira do rio, ficava lá pra ver os caras treinar, tentando entender porque eles remam tão bem. No início, era muito aprendizado e troca de informações. Compramos muitos equipamentos e barcos usados deles. A gente queria o material deles, era diferente de comprar algo novo”. Comenta Roger Eckhard, que também fala sobre a estrutura nas primeiras competições no velho continente. “Na Europa, a gente não tinha muita estrutura, ficava em barracas, comia miojo. Mas isso não mudava nossa vontade ou dedicação para trazer boas experiências de lá. Eles tinham tudo na mão, e nós começando, aqui”. Finaliza Roger Eckhard.

“Nosso primeiro mundial foi em 1989, na Suíça. Naquele tempo o mundial da categoria júnior era disputado na mesma cidade, também das modalidades de descida e slalom. Outros atletas foram também, pra disputar o slalom. De 1993 em diante que separaram as competições”. Lembra Cristiano Arozi. “A gente foi para o mundial e dormia em barracas. A gente comia miojo. Foi feita uma rifa na cidade pra pagar as passagens. Era tudo muito na vontade”.

“Naquela época, era muito difícil conquistar bons resultados no circuito europeu. A grande surpresa foi a medalha do Gustavo na Noruega em 1991. Depois, até conseguimos

chegar mais vezes entre os primeiros. Minha melhor colocação em mundial foi chegar em 16º, que era muito difícil”. Avalia Cristiano Arozi.

“Para a minha primeira viagem pro exterior, fiz uma rifa de um quadro que minha tia pintou. Por uma dificuldade financeira da confederação, faltava recurso pra um trecho do voo de Porto Alegre para São Paulo. A gente passava quarenta dias na Europa dormindo em barraca, cozinhando. Era outra estrutura, mesmo assim, vieram alguns resultados bem significativos”. Considera Cristian Krummenauer, que segue: “A gente viajava com um mapa da Europa em mãos, desbravando essas pistas internacionais. Em 1999, no lançamento da pista da Bratislava, na Eslováquia, eu fui o primeiro brasileiro a ir pra lá. Desembarquei na Áustria e segui leste europeu adentro”.

“Aquela medalha foi uma conquista coletiva, teve gente que não foi viajar, mas fez parte daquela preparação. Também foi um dia que tudo deu certo. Ninguém podia imaginar que alguém do Brasil iria ganhar uma medalha lá”. Comenta Gustavo Selbach, ao lembrar da prova em 11 de julho de 1992, no Mundial Júnior disputado na Noruega.

Ao sair do Brasil para enfrentar essa temporada de 1992 em terras europeias, era muito importante a participação nas Olimpíadas de 1992, mas a preparação para competir em alto nível o mundial, também empolgava. “Era meu último ano para competir um mundial júnior, que eu nunca havia participado. Aproveitei bem. A olimpíada era uma consequência do trabalho, mas na Noruega eu sabia que tinha mais chances de um resultado melhor, talvez ficar entre os 15 melhores, mas não pensava em pódio. Segui treinando para as olimpíadas, mas sabendo que o resultado seria mais difícil”. Comenta Gustavo Selbach, que continua: “Nós estávamos muito bem preparados,

ficamos durante dois meses treinando na Europa. Os países de maior tradição na canoagem slalom estavam muito preparados para brigar pelos primeiros lugares. Nós estávamos em um nível de intermediário para melhor”.

“Durante o verão eles competem bastante, praticamente todo final de semana. O que eles disputam em um mês nós disputamos no Brasil durante um ano. Essa competitividade acaba os deixando muito bem preparados”. Considera Gustavo Selbach. “Não era possível se manter com a mesma regularidade nas competições. A cada cinco provas, fazíamos duas muito bem, as outras, nosso desempenho era intermediário”.

“Depois de 1991, quando participamos somente do pré-olímpico, em 1992 participamos do circuito mundial, que foi uma preparação para as olimpíadas. Também começamos a rodar nas etapas de copa do mundo e campeonato mundial”. Recorda Leonardo Selbach, que fala da importância da conquista de seu irmão: “Ele estava treinando muito bem, ninguém esperava um resultado daquele. Os europeus sempre estavam bem na nossa frente. Depois voltamos a conseguir somente resultados intermediários”.

Após uma primeira temporada na Europa, no ano de 1989 e também com a evolução dos equipamentos, deixando de usar barcos de fibra de vidro e passando a utilizar os de fibra de carbono, o nível técnico evoluiu. “Naquela época, somente alguns paulistas tinham um equipamento desses no Brasil, pois haviam passado uma temporada nos Estados Unidos e trazido de lá. Foi uma novidade também para a cidade e para os atletas”. Recorda Gustavo Selbach. A participação e a conquista de uma medalha no Mundial Júnior da Noruega em 1992, surpreendeu muitos europeus de países com maior tradição que não conheciam a canoagem brasileira. O ano em

que a canoagem voltou a ser um esporte olímpico, também foi o ano em que um congresso da Federação Internacional de Canoagem definiu que o mundial de slalom de 1997 seria em Três Coroas.

“Foi uma série de fatores que marcaram aquele ano. Um foi a vontade da Federação Internacional para fazer um mundial fora daqueles países, veio o Albert Woods, que conheceu o lugar e viu que tínhamos muita vontade de receber uma competição internacional aqui”. Considera Gustavo Selbach.

“Não se telefonava muito, pois uma ligação internacional era muito cara. Em 1989, nos 45 dias que fiquei na Europa, não devo ter falado mais de um minuto e meio com minha família. Mas era importante, pois nosso foco era totalmente voltado para o que estávamos fazendo. Diferente do mundo virtual, onde muitos vivem hoje, a gente vivia muito aquelas experiências. Treinava muito, conversava muito. Após o nosso treino, a gente ficava na beira da pista observando os atletas de outros países, isso foi um aprendizado importante. Lógico que a saudade de casa existia, mas estávamos lá por um objetivo, e o propósito era levado muito a sério”. Comenta Gustavo Selbach.

“A gente voltava com a cabeça cheia de novidades para os treinos, informações novas do que estava acontecendo lá fora, sempre pra passar tudo pro pessoal da cidade”. Recorda Cristiano Arozi. “Tive um momento em 1994, quando através da Confederação passei duas semanas com a delegação da Itália. Um dia levantei e o campeão italiano estava remendando meu barco. Nossa relação era ótima. Eu nunca imaginei uma coisa dessas. Quando eu competia na Itália, a equipe deles fazia torcida para mim na beira do rio”.

OLIMPÍADAS DE 1992 NA ESPANHA

Após 20 anos da canoagem slalom fora das olimpíadas, os jogos de 1992 gerou bastante expectativa nos países de maior tradição, que se prepararam com bastante entusiasmo para a volta da modalidade ao maior evento esportivo do planeta.

“Em 1989, viajamos para a Europa para participar de uma etapa da Copa do Mundo, não tinha grana pra fazer mais que isso. Em 1991, fomos somente para o pré-olímpico na Espanha, não tinha grana pra mais nada”. Lembra Leonardo Selbach.

O Comitê Olímpico havia prometido pelo menos dois barcos brasileiros na canoagem slalom para as olimpíadas de 1992, que acabaram sendo três. Todos integrantes da Asteca, Marlon Grings, Leonardo Selbach e Gustavo Selbach.

“A partir de 1991, os principais atletas do Brasil eram de Três Coroas, estávamos em um nível muito alto. A seletiva nacional que definiu as três vagas para as olimpíadas de 1992 foi decidida entre os atletas da Asteca”. Conta Flávio Belotto.

“Foi um bom momento para a canoagem, era importante a participação do Brasil e demais países da América Latina, não adianta ter só os países europeus, mais Estados Unidos e Canadá. Nós também fomos importantes para essa representatividade, para a canoagem slalom se manter um esporte olímpico”. Avalia Leonardo Selbach.

“Por um período, o desenvolvimento da canoagem local se

deu pelas orientações do José Roberto Pupo, que treinou a seleção de canoagem slalom para os jogos olímpicos de 1992. Ele teve essa relação com o início da canoagem na cidade, já nos primeiros festivais. Algumas vezes ele veio até Três Coroas e ministrou alguns cursos voltados para o slalom”. Recorda Gustavo Selbach.

“O Pupo foi nosso treinador nas olimpíadas de 1992, ele cuidou da parte técnica. A gente conseguiu colocações razoáveis para a nossa realidade, mas só o fato de estar lá, foi importante pra muita coisa”. Diz Leonardo Selbach, que segue: “Foi importante para o município ver melhor a canoagem, uma experiência que trouxe reconhecimento. O pessoal da cidade começou a apoiar mais”.

As pistas mais longas se tornaram mais curtas, a canoagem slalom passou a ser um esporte de mais explosão, que além de técnica passou a exigir bastante força.

“A modificação do esporte após as olimpíadas de 1992 foi gigantesca. A canoagem slalom passou por uma evolução técnica muito significativa, uma nova realidade para o esporte”. Avalia Leonardo Selbach. “Até 1989 eram muitas pistas naturais na canoagem mundial, com exceção da pista das olimpíadas da Alemanha, em 1972. Em 1993 já existiam muitos rios naturais modificados, as pistas semi-artificiais”.

“A Federação Internacional de Canoagem tinha a necessidade de crescer e ter mais praticantes de slalom no mundo. A oportunidade pra isso acontecer, era trazer o mundial para a América do Sul. A quantidade de países praticantes influencia na permanência da modalidade nas olimpíadas”. Diz Leonardo Selbach.

OLIMPÍADAS DE 1996 NOS ESTADOS UNIDOS

“A partir de 1992 e 1993 a gente começou a realizar períodos de treinamento com treinadores europeus, que vinham para Três Coroas”. Recorda Leonardo Selbach, sobre a preparação para as olimpíadas de 1996. “Quem queria remar a gente ensinava, remava todo mundo junto, se dando dicas”.

Nos jogos olímpicos de 1996, o Brasil teve dois representantes, ambos da Asteca, os irmãos Selbach conquistaram as vagas para a canoa, com Leonardo e no caiaque, com Gustavo.

O equipamento evoluiu para o Mundial de 1993, na Itália. “A gente já tinha um equipamento no nível dos europeus, às vezes a gente comprava um barco novo, outras vezes um usado. Um pessoal usava barco meio ano e trocava, a gente usava por mais tempo”. Revela Leonardo Selbach. “Toda vez que a gente comprava um barco novo na Europa, voltava com os dois e vendia o usado para alguém de Três Coroas. Assim começamos a trazer equipamentos”.

No ano de 1995, o mundial que acontecia a cada dois anos, foi realizado na Inglaterra. “Em 1994, no pré-mundial da Inglaterra, a gente trouxe bastante equipamento. Haviam fábricas lá, os preços eram mais baixos do que estávamos encontrando na época, conseguimos trazer equipamentos pra

bastante gente”. Recorda Leonardo Selbach.

Após a segunda olimpíada, os irmãos Selbach já eram referência aos mais novos. Em 1996 tiveram a missão de aproximar um pouco os jogos olímpicos e seus valores das crianças, através de visitas nas escolas da cidade e da região.

“A gente tinha um reconhecimento, era muito legal. Tinha uma badalação, mas estávamos muito focados no mundial de 1997. Não deixamos o estado de alerta passar, tanto que depois das olimpíadas, tivemos a última etapa da copa do mundo em Três Coroas, fui finalista da prova, um resultado muito importante. Pela primeira vez um brasileiro chegou numa final”. Disse Gustavo Selbach. “Quando a gente viajava, as pessoas perguntavam muito sobre como era a cidade, viajávamos com imagens, fotos, folders, pastas com documentos que mostravam a cidade. Tinha pouca coisa na internet”.

MUNDIAL DE 1997 EM TRÊS COROAS

No ano de 1992, o congresso da Federação Internacional de Canoagem (FIC), que aconteceu na Suíça, e contou com a participação de mais de 30 países, decidiu que a canoagem slalom poderia se desenvolver em outros lugares do mundo, além dos países que tradicionalmente recebiam as provas do circuito das várias modalidades de canoagem. Quando o assunto chegou ao slalom, já estava definido o mundial do ano seguinte (1993) que aconteceria na Itália, e no ano de 1995 na Inglaterra.

“Tínhamos esperança para trazer uma etapa da Copa do Mundo para Três Coroas. Um representante da FIC, o Albert Woods, veio para a cidade antes do congresso e gostou muito do que viu”. Comenta Flávio Belotto.

Após verificar o lugar, a estrutura e as condições de organização, a cidade foi apresentada como uma alternativa para a expansão da canoagem slalom pelo mundo. Nunca um mundial da categoria havia sido realizado no hemisfério sul do planeta.

A definição do mundial de 1997 ficou entre Brasil e Áustria. Na votação, a grande maioria dos votos foi para a competição acontecer em Três Coroas.

“A vinda dele (Albert Woods) ao Brasil, depois o depoimento dele no congresso da FIC, influenciou bastante na

escolha de Três Coroas para sediar o mundial de 1997. Por ser uma pessoa muito respeitada, de bastante influência, afirmou que a cidade faria um grande mundial”. Diz Flávio Belotto.

“A grande maioria das pessoas no congresso tinha o interesse de ampliar a canoagem do eixo entre Europa e Estados Unidos. Botar uma prova do tamanho do mundial na América do Sul fazia parte de uma estratégia para expandir o esporte”. Avalia Belotto.

Neste mesmo cenário, a canoagem slalom voltou a ser um esporte olímpico. O esporte voltou aos jogos de Barcelona em 1992, duas décadas após estar nas Olimpíadas da Alemanha, em 1972. Juntamente com isso, havia a intenção da FIC em expandir as fronteiras da canoagem slalom, que tinha tradição principalmente nos países da Europa.

O circuito internacional, que havia começado a receber atletas brasileiros recentemente, teria então um Mundial no Brasil.

“Com o Mundial de 1997 todo mundo ficou muito motivado. Na Europa, essas competições são muito tradicionais, com um grande público acompanhando”. Considera Cristiano Arozi, que valoriza a canoagem em solo brasileiro. “Nosso país é rico em rios. No inverno, eles não têm onde treinar. É muito frio, muitos rios ficam congelados”.

“Em 1996 e 1997, foi incrível! Não tinha espaço pra mais gente”. Comenta Cristiano Arozi sobre o Pré-mundial e o Mundial.

“Para conseguir o Mundial não foi fácil, eu já trabalhava com filmagens e fiz o vídeo de apresentação da cidade, usado no congresso da FIC”. Conta Fabio Fritz Haack, que também trabalhou diretamente no evento. “Fizemos a transmissão ao vivo para a internet, no Mundial de 1997. Uma equipe veio

fazer a transmissão de televisão para o mundo, mas tivemos três câmeras e fizemos a transmissão via internet discada”. Revela: “Cada câmera tinha cabos de 100 metros. Em uma salinha na beira da pista, tínhamos televisores para selecionar as imagens e um computador para fazer as animações”. Tudo isso foi feito com referência nas competições em que havia participado no exterior, sendo uma transmissão pioneira no Brasil.

Nos anos seguintes, o Parque das Laranjeiras se consolidou como o principal local para a prática de canoagem slalom na América Latina.

“O legado foi muito importante, a estrutura montada para o Mundial ficou ali. O prédio que foi um escritório central durante o evento, depois se tornou a pousada que está até hoje no Parque das Laranjeiras”. Diz Flávio Belotto.

“A estruturação do Parque das Laranjeiras foi bastante importante, desde a construção da pousada, que foi através de um projeto do Governo Federal, quando já se tinha a confirmação de receber o mundial de 1997. O legado acabou ficando e sendo utilizado até hoje. Grande parte da estrutura do Parque se deve ao mundial. Claro que por ser uma estrutura com mais de 20 anos de sua construção, necessita de reformas e modernizações. Além de toda uma manutenção do espaço, mas é um legado que dura até hoje”. Avalia Gustavo Selbach.

“Três Coroas aproveitou o momento que a FIC queria expandir. Nós mostramos que tínhamos trabalho. Nosso nível de organização e nossa estrutura era de alto nível. As coisas aconteceram no momento certo. Em 1972, o esporte não teve continuidade nas olimpíadas, pois não reunia vinte países”. Comenta Leonardo Selbach, que destaca a participação da população da cidade, para também reconhecer ainda mais o esporte. “Antes as pessoas nos apoiavam, mas não

tinham ideia do que era. Sabiam que os guris estavam numa competição, que estávamos na Europa, mas em 1997 a cidade toda estava no mundial”.

“A canoagem passou a ser um orgulho para as pessoas da cidade. Qual a cidade que em tão pouco tempo manda atletas pra olimpíadas e recebe um campeonato mundial? Isso passou a fazer parte da identidade da cidade”. Considera Leonardo Selbach. “O pessoal sempre apoiou em provas nas Laranjeiras, acontece até hoje. Mas imagina isso num campeonato mundial, com a beira do rio lotada, todo mundo incentivando, gritando, dando força. É muito gratificante, a gente se sentiu valorizado. O pessoal começou a ter um orgulho, é bom pra autoestima da cidade. Depois do mundial em Três Coroas, as pessoas também começaram a enxergar as dificuldades e começaram apoiar ainda mais a canoagem”.

“Quando se falou que iria acontecer o mundial de 1997 em Três Coroas, todo mundo se empolgou e ficou muito focado na canoagem”. Lembra Márcio Tomazoni. “Muita gente começou a remar na cidade, hoje em dia é bem difícil reunir tanta gente. Todo mundo participava junto, era a família toda envolvida nos eventos”.

“Um mundial na cidade onde treinávamos foi importante, todo dia após o trabalho, íamos até o Parque das Laranjeiras. O mundial de 1997 foi um estímulo, os melhores do mundo iriam estar aqui”. Considera Cássio Petry.

Nos anos que antecederam o mundial, a maior parte da equipe nacional de canoagem slalom era de Três Coroas. Como forma de se preparar para o Mundial de 1997, os atletas também precisavam participar de competições internacionais, viajando para as provas no circuito europeu, nas principais pistas de canoagem slalom do mundo.

“O primeiro mundial realizado no Brasil, em Três Coroas, foi muito bom. Tanto que 10 anos depois o evento aconteceu em Foz do Iguaçu, no Paraná, e depois no Rio de Janeiro em 2018”. Considera Cristian Krummenauer. “Os atletas do Brasil que iam viajar para competições internacionais nos anos 1990, eram predominantemente de Três Coroas, os melhores do Brasil estavam aqui, a melhor estrutura era aqui, ainda temos um dos melhores centros de canoagem slalom do Brasil, com a estrutura da Asteca e do Parque”.

“O calendário internacional da canoagem gira em torno de cinco etapas da copa do mundo, além do mundial. Naquela época, a gente participava de uma média de três etapas. Conseguíamos algum patrocínio, a prefeitura também ajudou bastante”. Conta Cássio Petry. “Em 1996, participei do meu primeiro campeonato mundial júnior, na República Tcheca, que também serviu de preparação para o meu primeiro mundial sênior, que foi no ano seguinte em Três Coroas. Mesmo depois de mais de 20 anos, às vezes encontramos no circuito da Europa alguém que participou do mundial de 1997. Sempre falam muito bem daquela edição, também perguntam sobre Três Coroas”.

“Um ano antes do mundial, aconteceu um evento de preparação, onde já tivemos representantes de vários países europeus”. Lembra Cássio. Todo ano acontecia alguma prova importante, Três Coroas sempre foi um grande palco da canoagem brasileira. Além de Copa Brasil e Campeonatos Brasileiros, também aconteceram provas Sul-americanas e Pan-americanas no Parque das Laranjeiras.

“A gente superou todas as expectativas de todas as nacionalidades. Estive presente nas principais provas desde 1993, essas viagens ajudaram muito na preparação. Muitos

envolvidos colaboraram em todos os aspectos, desde a cerimônia de abertura, até as balizas da pista, na arbitragem, a tecnologia que na época foi usada para a medição de provas e os resultados automatizados, que era uma novidade lá fora. Muitas vezes fomos questionados sobre como um país de terceiro mundo faria o mundial. O que foi feito em Três Coroas, mesmo para a época, nunca tinha sido feito na canoagem slalom. Não se pensou somente na parte técnica do evento, que foi impecável. O evento foi grandioso para o circuito internacional da canoagem. As entidades do município estavam bastante envolvidas, ou no credenciamento, ou na alimentação, ou no encaminhamento de qualquer necessidade. A comunidade toda abraçou o evento”. Recorda Cristian Krummenauer. “Eu lembro que quando entramos no ginásio municipal para a abertura, foi um grande espetáculo o lançamento do mundial de Três Coroas. Ali os atletas do mundo todo perceberam que estavam em um evento diferente. Estavam sendo acolhidos por uma comunidade que realmente estava abraçando o evento. Eu desconheço algum outro mundial de canoagem, mesmo posterior, que teve toda essa questão emocional envolvida”.

“Antes de 1997, a gente era muito querido por todos do circuito internacional, mas apesar desse carinho, era muito difícil a gente ter um grande respaldo. Depois de 1997 tudo mudou, todos viam em nosso grupo um pouco daquela experiência que foi compartilhada com todos remadores de alto rendimento do mundo. Foi realmente um evento surpreendente. Então existia uma preocupação de todas as nacionalidades, em nos receber bem, em todas as competições”. Considera Cristian Krummenauer.

“Depois do mundial de 1997, nas nossas viagens as pessoas perguntavam sobre como estava a cidade. Todo

mundo se sentiu muito bem acolhido aqui. O conceito de canoagem no circuito mundial era ir lá, fazer a prova e ir embora. Ter show, festejar, foi uma experiência nova pra eles também.” Avalia Leonardo Selbach.

Aquela primeira ida para conhecer a canoagem slalom, em Minas Gerais, deu resultados, pois muito daquilo foi aplicado em Três Coroas. Mas agora, o intercâmbio era internacional.

“Antes do mundial de 1997, tivemos um período com muita movimentação de atletas em Três Coroas. Tivemos a realização do pré-mundial em 1996, também um campeonato Pan-Americano em 1995. Procuramos trazer pessoas para nos orientar dentro e fora da água. De 1992 até 1997, tivemos muitos intercâmbios e tudo isso nos fortaleceu bastante. Algumas equipes vieram para treinar. A equipe da Eslovênia ficou algumas semanas aqui, em 1997. Depois a foi a vez da seleção da Espanha, isso tudo foi bem importante para nós. Três Coroas se estruturou, também aprendeu muito em questão de treinamentos e organização”. Considera Gustavo Selbach. “A gente observava tudo que acontecia lá fora. Como funcionava a questão das informações dentro de um evento, as reuniões de chefes de equipe, a programação, o que deveríamos manter e o que poderíamos inserir. Tentamos nos alinhar ao padrão deles em todos os aspectos, desde a estrutura física até a um roteiro que estivesse alinhado aos eventos internacionais”.

“O mundial de 1997, foi uma quebra de paradigma para a canoagem mundial. Muitos consideravam nossa pista natural abaixo do nível das pistas artificiais da Europa. Por outro lado, muitos europeus achavam importante trazer uma competição deste nível para o Brasil, saindo do eixo entre América do Norte e Europa”. Recorda Gustavo Selbach. “O mundial de 1997 foi uma aprendizagem muito grande, nos doamos para

realização do evento, sacrificando qualquer possibilidade de resultado pelo sucesso da competição. Três Coroas se tornou uma referência, por aqui passou atletas campeões olímpicos, todos muito bem tratados e com muitas boas lembranças para levar” .

“Um dos momentos que mais marcou os atletas europeus foi a abertura do mundial de 1997, que aconteceu no Ginásio Municipal lotado, com cinco mil pessoas. Tinha gente que já havia participado de muitos eventos do tipo, ou mesmo de olimpíadas, todos gostaram bastante da experiência, que foi emocionante. As pessoas até hoje lembram de Três Coroas com muito carinho”. Considera Gustavo Selbach.

“A cidade começou a entrar no ritmo do mundial um ano antes, no pré-mundial de 1996. Os países com mais recursos ficaram hospedados em hotéis de cidades vizinhas, nas cidades da serra. Os países que tinham menos recursos ficaram hospedados em casas de famílias, proporcionando uma experiência também pra comunidade”. Recorda Leonardo Selbach. “A solenidade de abertura no ginásio foi sensacional, o público participando junto”.

Um ano depois da definição do mundial, as melhorias começaram a ser feitas no Parque das Laranjeiras.

“Em 1995, o mundial de Nottingham, na Inglaterra, foi em um canal artificial. Deu pra ver que, para Três Coroas, seria preciso fazer alguns ajustes. Tivemos uma enchente um tempo antes do mundial, precisamos reconstruir a pista, ajustar o que ficou alterado”. Diz Gustavo Selbach.

“A gente teve bastante dificuldade, principalmente na parte técnica de montagem da pista. Isso porque tivemos o cuidado para fazer melhorias na pista sem agredir a natureza, sem usar máquinas pesadas no rio, o que foi um pouco demorado e

difícil”. Recorda Flávio Belotto.

Com isso, a essência do Rio Paranhana foi mantida, preservando a virtude de sua relação com a natureza.

“No início do Parque das Laranjeiras, o trecho com a curva do Sera ideal para uma boa pista, mas no trecho final precisamos fazer alterações para melhorar as corredeiras”. Destaca Flávio.

“Além da pista, a gente tinha outra questão que poderia ser complicada, que seria preparar uma equipe de trabalho para receber mais de 30 países”. Considera Flávio. “O Pan-Americano de 1995 foi o primeiro evento teste para servir de aprendizado. Também para capacitar as pessoas para arbitragem, credenciamento, refeições e tudo que deveria ser aprendido na prática”.

Em 1996, a última etapa da copa do mundo de canoagem aconteceu em Três Coroas e contou com a participação de 16 países. Era o último evento teste.

Nos quatro dias ocorreu escalas de arbitragem podendo revezar quem atuava nas provas. “Chegamos ao mundial muito bem organizados. Após a etapa da copa do mundo, ficamos muito bem preparados, com mais de 100 árbitros brasileiros”. Recorda Flávio Belotto. “Por ter sido o primeiro mundial no país, buscamos muitas pessoas envolvidas com a canoagem de outros lugares do Brasil, essa integração foi muito bacana”.

“Em 1997, quando as delegações internacionais vieram para o mundial de canoagem em Três Coroas, o governo paranaense realizou os jogos mundiais da natureza. Foi um grande evento em Foz do Iguaçu, considerado por muitos a olimpíada do esporte de natureza, que teve somente uma edição. O campeonato de Três Coroas terminou no domingo, após isso, tive o privilégio de embarcar na mesma noite em

um voo da Varig, junto com toda delegação mundial, de Porto Alegre para Foz do Iguaçu. Na ocasião, fizemos o lançamento da pedra fundamental da construção da primeira pista artificial da América do Sul, que recebeu o mundial de 2007, 10 anos depois”. Recorda Cristian Krummenauer.

Após participar do mundial de 1997, vieram os jogos da natureza, que foram realizados nas Cataratas do Iguaçu, onde Cássio Petry fez uma aquisição de novos equipamentos. “Comprei um barco um pouco melhor, de um canadense. A gente trocava o equipamento uma vez por ano, as vezes duas. Sempre foi difícil importar, então a gente já fazia contato com os gringos, pra quando viessem ao Brasil, vender o equipamento no final do período passado aqui. Nas competições por aqui, nos anos de 1996 e 1997, muitos materiais de qualidade ficaram no Brasil”. Recorda. “Já existia um projeto para fazer essa pista artificial em Foz, usando o canal da piracema que seria construído junto à barragem”.

Realmente teve muito equipamento de qualidade sendo trazido para o Brasil e ficando por aqui, colaborando com o desenvolvimento da canoagem.

“Era o jeito que tínhamos pra adquirir um equipamento melhor. Alguns dos gringos que vinham para o Brasil, mais gente boa, vendiam o barco mesmo no início da temporada”. Revela Édrei Ascencio, que em 1996, participou pela primeira vez de uma prova em Três Coroas, o Pré-mundial, e voltou para a cidade Piracicaba, em São Paulo, com a bagagem carregada de experiências. Além de um novo barco”.

As associações no Brasil se organizaram bastante após o mundial de 1997. “A gente veio para Três Coroas adquirir experiência mesmo. Nossa associação era bem pequena, estávamos bem no início em Piracicaba”. Diz Édrei Ascencio.

“Os gringos até hoje falam de Três Coroas como sendo a realizadora de um mundial fora do eixo, em 1997. Para nós, o legado pós evento foi incrível. Focamos em qualificar a Associação de Canoagem de Piracicaba, que já existia na informalidade. Colocamos ela no papel, corremos atrás de patrocínios e nos inserimos em projetos sociais da prefeitura”.

Eventualmente, comentarista de canoagem pelo canal Sportv, Édrei também fez parte de um grupo de treinadores de um programa que trabalhava com o desenvolvimento da modalidade para países sulamericanos. “O evento de 1997 foi de fundamental importância para o desenvolvimento do esporte no Brasil e na América Latina”.

“Os espaços que no Mundial de 1997 era sala de imprensa, sala antidoping, check in de atletas e tudo mais, virou a pousada, restaurante, e toda a estrutura que temos hoje. É um modelo que deu certo”. Considera Édrei Ascencio.

Após competir na modalidade C2 no Mundial de 1997, a competitividade ficou um pouco de lado para impulsionar o esporte no estado de São Paulo. “Uma das características da Associação de Canoagem de Piracicaba, a Ascapi, também da trescoroense Asteca, que carregam uma forma de pensamento parecida, é, além de preparar atletas para o alto rendimento, também desenvolver a cidadania”. Finaliza Édrei Ascencio.

O TURISMO DE AVENTURA

Entrar na água para se divertir deixou de ser um privilégio dos atletas e passou a ser algo mais popular no Rio Paranhana, assim como era com aqueles jovens que brincavam na água antes mesmo da canoagem chegar. O rio que corre ligeiro passou a ser também um importante destino para o turismo de aventura e a prática do rafting.

“No passado, era só os remadores que tinham esse privilégio, agora é mais comum essa busca das pessoas por momentos de conexão com a natureza. Quando começamos, não imaginávamos que Três Coroas se tornaria um dos principais polos de turismo de aventura”. Considera Gustavo Selbach. “Essa relação do rafting com a canoagem em Três Coroas foi positiva, pois permite que os atletas possam se dedicar aos treinos e trabalhar nos finais de semana e durante a temporada. Alguns entraram tanto na vida de instrutor que deixaram de competir. Outros não se dedicaram ao rafting e ficaram na canoagem mesmo. Mas essa relação foi bem positiva para os remadores não irem parar numa fábrica de calçados, mas a partir da canoagem contribuir no desenvolvimento do turismo de aventura”.

“Em Três Coroas, o rafting abriu muito as portas para os atletas conciliar os treinamentos durante a semana com as descidas de rafting, quase sempre nos finais de semana. Com isso, muitos puderam comprar seus equipamentos, também ter seu dinheiro, sem precisar ficar numa fábrica de calçados, mas

sim, se dedicando aos treinos”. Também avalia, Cássio Petry.

“A canoagem e o rafting sempre estiveram muito próximos no Brasil. Muitas pessoas que andam no meio do turismo de aventura tiveram um pé na canoagem”. Avalia Édrei Ascencio. “Não é difícil encontrar algum guia de rafting que é atleta de canoagem”.

Ex-atleta e atualmente empresário do turismo de aventura, Édrei Ascencio faz questão de valorizar suas origens na canoagem. “Hoje, os melhores atletas conseguem se manter treinando, tempos atrás, isso não era possível. Embora pareça que não é pesado, se manter em alto rendimento exige muito esforço. É difícil conciliar uma rotina de atleta, com treinos e algum trabalho. Até hoje, temos a ideia de ter jovens da Asteca inseridos no contexto do rafting”.

“A gente teve oportunidade de participar do início do rafting, fui um dos primeiros guias de rafting da cidade”. revela Fabio Fritz Haack. “Muita gurizada fazia o trabalho de guia para ter uma renda extra e com isso comprar os equipamentos”.

“O Parque das Laranjeiras acaba gerando uma alternativa de atividade extra com o rafting. Muitos que iniciam remando na escola de canoagem da Asteca, se tornam instrutores de rafting nas empresas de turismo da cidade”. Revela Cristian Krummenauer. “É uma forma de gerar uma renda pra trocar equipamentos. O rafting acontece principalmente nos finais de semana, então é possível se organizar pra treinar durante a semana”.

A canoagem formou muitos guias de rafting, da mesma forma que o rafting formou atletas da canoagem.

“Comecei a remar depois do trabalho no atelier de calçados. Depois que parei por uns meses, voltei e comecei treinar firme.

O rafting que me manteve, quando iniciei fazendo a filmagem”.
Recorda Guilherme Mapelli.

“O rafting começou com a canoagem, até porque são praticados nos mesmos lugares. Depois de umas viagens pra competições de canoagem, conhecemos melhor o rafting”.
Conta Márcio Tomazoni.

“O primeiro bote usado na cidade, não era adequado e não resistiu a primeira descida. Depois vieram os primeiros barcos importados e as empresas começaram a se organizar”.
Revela Fabio Fritz Haack.

“Todo mundo via a gente descendo o rio, mas muita gente jamais iria conseguir descer dentro de um caiaque ou canoa. O rafting proporcionou isso. Mesmo quem não sabe nadar pode conhecer o rio e viver uma aventura dentro de um bote”.
Analisa Roger Eckhard.

“Em todos os rios do mundo onde tem canoagem também tem rafting, um liga ao outro”. Comenta Cristiano Arozi. “Para um canoísta que conhece o rio, sabe a linha da água, se torna muito mais fácil de aprender a guiar um bote”.

“O Parque das Laranjeiras foi fundamental pro rafting na cidade. Nosso rio é um dos melhores do Brasil e da América do Sul. No Paranhana. qualquer pessoa pode praticar”. Diz Cristiano Arozi, que também afirma ser possível realizar uma descida mais leve ou mais ousada. “Se é um rio muito fraco, não tem graça pra quem busca mais aventura, se é um rio muito forte já limita a participação de alguns públicos”.

“O primeiro bote que veio pra Três Coroas foi através de um canoísta de São Paulo. Através da Asteca, surgiu a ideia de operar rafting na cidade, mas não teve continuidade. Depois, empresas começaram a operar rafting no Parque das Laranjeiras”. Recorda Cristiano Arozi.

“Anos atrás, muitos atletas da canoagem do circuito internacional também eram instrutores de rafting. Diferente de hoje, que o atleta consegue certo apoio, quando consegue uma bolsa pra se dedicar aos treinos, na nossa época não tinha isso”. Recorda Leonardo Selbach. “Se não tivesse canoagem. talvez não tivesse o rafting na cidade, nosso potencial do turismo é fruto de um trabalho que toda a comunidade se envolveu”.

“Hoje, estamos conseguindo resgatar essa vida ao ar livre com o turismo em Três Coroas”. Reflete Leonardo Selbach. “Eu até vou pra cidade grande, mas prefiro Três Coroas. As pessoas estão valorizando esse contato com a natureza, somos um destino importante pra muita gente escapar por um dia da região metropolitana e recarregar as energias”.

Rafting e canoagem estão muito ligados. na opinião de Cristian Krummenauer. “Uma coisa está completamente ligada na outra. Com o desenvolvimento de equipamentos em busca de experiências do turismo de aventura, o esporte evoluiu no mundo todo. São atividades distintas, mas em muitas delas. são usados os mesmos equipamentos. A base do turismo de aventura foi construída por esportistas, que são técnicos naquela atividade. Em Três Coroas não foi diferente”. Revela.

No ano de 1993, um carioca fez contato com um grupo de Três Coroas que estava competindo em Juquitiba, São Paulo, falando que estaria vindo para a cidade com intuito de montar uma operadora turística. A iniciativa para colocar uma embarcação na água foi da Asteca, alguns anos antes. A construção da alternativa de descer o rio como uma atividade turística foi construída por nós, trescoroenses”, Afirma Cristian. “Quem já está na água quer permanecer na água. Eu sempre vislumbrei a oportunidade de continuar esse vínculo com o rio, mesmo após encerrar a carreira de atleta. As viagens que a canoagem me

proporcionou, principalmente aos Estados Unidos, se mostrou como uma grande oportunidade”. Considera. “Quando eu conheci o rafting nos Estados Unidos, usado como atividade esportiva e também suporte na segurança da competição, achei tudo incrível. Desde a embarcação, o conceito de várias pessoas remando junto, o coletivismo. Em 1993. eu fui um dos primeiros a topar essa ideia de montar um rafting para Três Coroas”.

“Muitos atletas de canoagem da cidade passaram pelo rafting, além da afinidade com a atividade, o suporte econômico de ter uma renda e continuar comprando equipamentos e se dedicando aos treinos e competições foi importante”. Recorda Cristian Krummenauer.

“Acho que a cidade está se dando conta do quanto esse rio é importante, com um potencial turístico, como uma forma de gerar novas oportunidades. Muitas pessoas ligadas a canoagem fazem parte do Conselho de Turismo”. Considera Cristian Krummenauer.

OLIMPÍADAS DE 2000 NA AUSTRÁLIA

Pela terceira edição seguida, a canoagem slalom brasileira foi representada nos jogos olímpicos por atletas da Asteca. Desta vez, somente um barco brasileiro esteve na competição. “Eu não pensava em jogos olímpicos, aconteceu”. Recorda Cássio Petry.

Para as Olimpíadas de 2000, pela primeira vez as vagas foram disputadas internacionalmente. “Sinceramente, eu não pensava muito nisso. Eu queria remar e vencer, sempre. Fomos para o Mundial da Espanha em 1999, que por ser um ano antes, decidia as vagas olímpicas de 2000. Antes disso, as vagas eram definidas para os países, então a disputa era nacional para ver quem seriam os representantes”. Revela.

“Eu sempre gostei do esporte, fiz dele uma forma de vida para mim. Aconteceu por muita dedicação e treino. Nada acontece de graça”. Complementa.

“Em 1996, eu ainda era muito jovem, nem disputei as vagas internas para os jogos olímpicos. Naquele tempo, ainda não trabalhávamos ciclos olímpicos no Brasil. A gente seguia vivendo cada ano. Vai ter mundial? vamos lá! Até porque eu era bastante jovem”. Lembra Cássio Petry. “Hoje é diferente, a preparação é para chegar em alto nível na disputa dos jogos olímpicos. Eu acho um pouco errado isso, não dá pra pensar só em olimpíada. Entendo que é importante, mas toda competição deveria ser considerada importante”.

“Quando viajamos ao Mundial de 1999, estávamos sem treinador. Após conseguir a vaga para 2000, chegou o treinador francês, Alain Jordan, para auxiliar na preparação para os jogos olímpicos. Ele ficou um tempo em Três Coroas, fizemos toda a preparação na Asteca”. Conta Cássio. “A gente estava longe de um nível alto, o treinador chegou seis meses antes dos jogos. A grande conquista foi ter participado. Estávamos muito abaixo dos demais países, com mais tradição e competitividade na canoagem slalom”.

Foi um tempo importante. segundo o ex-atleta, que se tornou técnico da seleção brasileira de canoagem. “Naquela época a gente só competia, hoje brigamos por medalhas. Aquilo precisou acontecer”.

De volta à cidade, após os jogos, a participação se tornaria estímulo. “Sempre repercutiu positivamente, poucas cidades de nossa região tiveram atletas olímpicos”.

Algumas coisas que ficaram dos jogos olímpicos vale mais do que qualquer medalha. “Amadureci bastante, não só enquanto atleta, mas na vida. Os jogos olímpicos me abriram muitas portas, tudo mudou muito. Posso afirmar que eu era uma pessoa antes das olimpíadas, outro depois”. Reflete Cássio Petry.

MODERNIZAÇÃO DA CANOAGEM BRASILEIRA

Com a criação dos centros de treinamento para a canoagem, atletas de outros lugares do país surgiram a partir desses locais, mas sem diminuir a importância de Três Coroas para a canoagem nacional. A cidade se manteve recebendo competições importantes e sendo tratada com certo prestígio pelos atletas de todo o país.

As novas pistas surgiram no Brasil elevando ainda mais o nível da canoagem nacional. O país voltou a receber edições de mundiais nessas modernas pistas, em Foz do Iguaçu no ano de 2007, depois no Rio de Janeiro em 2018.

“Em Foz do Iguaçu, a pista artificial é muito boa, mas ela está dentro de uma reserva com operação de geração de energia. Muitas vezes, a pista não é usada por falta de água, para não diminuir a geração, outras, por questões ambientais em função do canal ser usado para a piracema. No Rio de Janeiro, não existe atletas de tradição na canoagem slalom”.
Avalia Flávio Belotto.

A pista que foi construída para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, está em desuso. Esse tipo de projeto vem sendo muito questionado, onde a água precisa ser bombeada para a pista funcionar, consumindo uma grande quantidade de combustível para simular o que a natureza oferece naturalmente. Além disso, o custo é muito alto.

“É uma ideia que não tem relação com o início da canoagem, que é descer o rio em uma corredeira. Isso, nós temos que valorizar em Três Coroas, o contato com a natureza. Recebemos muitos elogios desde a época do Mundial de 1997, por remanejar o rio sem destruir a natureza”. Considera Flávio Belotto.

Mesmo nas pistas do circuito internacional, nem sempre têm essas características de manter a vegetação e funcionar em harmonia com a natureza.

“Nossos rios e nosso clima permite uma pista única, uma virtude do Brasil. Na Europa, muitas pistas ficam sem condições de uso no inverno, além do frio extremo, as corredeiras diminuem com a falta de chuva”. Comenta Flávio Belotto. “Aqui, temos uma pista sempre em atividade. Assim como a Associação sempre está com condições de garantir uma estrutura. Inclusive, recebendo atletas de outros países para treinar”.

“Fui prestigiar o Mundial de 2007 (Foz do Iguaçu), mesmo não remando mais. Foi um divisor de águas. A tecnologia e os investimentos já tinham evoluído bastante em relação a 1997”. Revela Fabio Fritz Haack.

Os investimentos no Paraná começaram a ser projetados após o Mundial de 1997. “A gente duvidava que tivesse uma pista artificial em Foz do Iguaçu”. Diz Édrei Ascencio.

“Existia esse projeto e muitos duvidavam que essa pista junto da usina, no canal da piracema, fosse realmente concluída”. Comenta Gustavo Selbach. “Uma década após o mundial de 1997, a canoagem brasileira vivia outro momento. A competição foi na primeira pista artificial construída no Brasil”.

“Era outro momento, a estrutura em uma cidade grande

também ajudou no esporte. Mesmo que não tenha acontecido resultados importantes, uma cidade grande deu uma visibilidade importante para a canoagem brasileira. Se o esporte não fosse levado a sério não teria entrado em Itaipu. Aos olhos do mundo, foi uma evolução do esporte no Brasil”. Considera Gustavo Selbach.

“1996 e 1997 foram anos de grande reconhecimento da canoagem slalom no Brasil, com isso, novos centros de canoagem começaram a se organizar em diversos lugares do país. Para o alto rendimento, isso foi muito bom, inclusive com a criação de um centro de treinamento para atletas da seleção. Com isso, as associações perderam um pouco do protagonismo”. Reflete Flávio Belotto. “A pista de Foz do Iguaçu deu um novo patamar para a canoagem brasileira.”

Em 2001, foi construído o primeiro Centro de Treinamento de Canoagem Slalom do Brasil, em Tibagi no Paraná.

“Em 2001, com a inauguração do Centro de Treinamento em Tibagi, eu optei por não treinar lá, priorizei permanecer em Três Coroas”. Diz Gustavo Selbach.

“Fiquei de 2002 até 2006 treinando em Tibagi. Tinha uma estrutura, salário, treinador, alimentação”. Fala Cássio Petry. “Depois de 2006, com a inauguração da primeira pista artificial do Brasil em Foz do Iguaçu/PR, o CT foi transferido para lá”.

“Três Coroas recebeu o Campeonato Sul-Americano em 2001. Eu era bastante reconhecido pelos resultados e pela participação nas olimpíadas”. Recorda Cássio Petry, sobre aquele ano que entrou para a história pelo cancelamento do Mundial de Canoagem que seria realizado nos Estados Unidos.

“Treinei o ano todo e a principal prova do ano não aconteceu, que seria o mundial nos Estados Unidos. No dia que iria embarcar, com as malas prontas, liguei o rádio do

carro e ouvi algumas coisas. Fui pra televisão e vi que os voos estavam cancelados”. Revela Gustavo Selbach. “De primeiro momento, tentaram adiar o mundial, mas depois de alguns dias a principal prova do ano foi realmente cancelada”.

Algumas equipes já estavam lá, mas outros países não conseguiram ir devido aos cancelamentos de voos após os atentados de 11 de setembro daquele ano. Cássio Petry também estaria na prova. “Eu vi na televisão que estavam cancelados os voos para os Estados Unidos. Eu estava trabalhando na Canoe e teria o voo no dia seguinte. Uns quatro dias após o atentado, o mundial foi cancelado, pois já começariam os treinos oficiais”. Revela.

No ano de 2002, o Mundial foi disputado na França. “O rio era tão forte, que antes de um competidor largar, ainda no aquecimento, acima da pista, ele virou e passou com barco virado pela largada”. Recorda Cássio Petry. “Um rio natural, mas modificado. Poucos rios naturais são usados no circuito atualmente”. Completa.

Em 2003, na Alemanha, continuava a busca pelos bons resultados, mesmo com pouca estrutura. “Foi um bom resultado, no começo da prova eu estava entre os 12 melhores do mundo. Acabei ficando na semifinal daquela competição”. Diz Cássio Petry. “Muitas vezes, eu chegava dois dias antes de iniciar uma competição internacional. Um atleta de alto rendimento não consegue bons resultados dessa forma”.

“O esporte mudou muito, as provas estão muito mais rápidas, o nível aumentou. Apesar disso, as planilhas de treino, os métodos de treinamento que eram usados, ainda são importantes. Não precisamos muito mais do que temos hoje, o mais importante é manter o foco que os resultados acontecem”. Comenta Cássio Petry.

O mundial de 2003 foi em uma pista bastante técnica, a prova foi seletiva olímpica. “Após 45 dias na Europa, chegamos na competição muito bem. Ficamos muito perto da vaga. Foi uma competição de nível técnico muito equilibrado. No ano seguinte, aconteceu outra seletiva, em Atenas na Grécia, em um canal de água salgada, uma pista forte e muito difícil”. Considera Gustavo Selbach.

Em 2003, aconteceu um campeonato Pan-Americano nos Estados Unidos.

“Não tinha expectativa de disputar, mas 10 dias antes da competição a confederação me ligou e pediu se queria participar. Tinha voltado a pouco tempo do mundial e um período de treinos na Europa. Fomos e conseguimos bons resultados”. Comenta Gustavo Selbach.

Cássio Petry conquistou a prata na categoria C1. Enquanto Gustavo Selbach trouxe o bronze no K1. Ambos estiveram muito próximos dos primeiros colocados.

Desde a volta da canoagem slalom aos jogos olímpicos, em 1992, somente nos jogos de 2004 o Brasil não teve representantes na modalidade. “Nas seletivas para 2004, não conseguimos a vaga olímpica. Para 2008, foram mais investimentos, isso mudou muita coisa. Na nossa época, buscávamos apoio para comprar equipamentos. Hoje temos atletas que podem se preocupar somente em treinar, com equipamentos da confederação e bolsa de auxílio para se manter”. Avalia Cássio Petry. “Não se forma um atleta em seis meses, ou um ano”. Conclui.

MODERNIZAÇÃO DA CANOAGEM BRASILEIRA II

“Em 2004, o Leonardo Selbach, que era o presidente da Asteca, me ligou para eu ir trabalhar em Três Coroas. A Asteca era referência em alto desempenho, meu antecessor foi o técnico francês Alain Jordan, que posterior ao trabalho realizado, assumiu a Seleção Brasileira de Canoagem”. Recorda Édrei Ascencio, sobre a época de sua mudança para a cidade onde permanece até os dias de hoje. “A gente tinha poucas crianças na água, poucos competidores, começamos um novo trabalho na escolinha de canoagem”.

No ano de 2005, o mundial foi na Austrália. “Naquele período viajamos pouco, concentramos nossa participação no mundial. Tivemos problemas pra embarcar os barcos, que chegaram pouco antes da prova”. Recorda Gustavo Selbach. “A Austrália começou a ter uma história na canoagem a partir dos anos 90. Fizeram muitos investimentos em pesquisa, nos institutos de esportes. Eles têm uma escola muito forte, um reflexo desse trabalho é a Jessica Fox, uma australiana, a maior vencedora de mundiais”. Analisa Gustavo Selbach.

Os mundiais, que eram disputados a cada dois anos, a partir de 2006, na República Tcheca, começaram a ser realizados anualmente, com exceção do ano das olimpíadas. “República Tcheca é sempre uma referência na canoagem slalom”. Observa Gustavo Selbach, que esteve naquela competição.

Para o Pan-Americano do Canadá, em 2009, o treinador

local que tivesse mais atletas com as vagas, acompanharia a seleção brasileira na competição.

“Estávamos sem treinador na Confederação Brasileira. O coordenador local que colocasse mais atletas no time, iria comandar a delegação naquele Pan-Americano.” Diz Édrei Ascencio, que garantiu a Asteca enquanto maior delegação e acompanhou os atletas brasileiros na competição.

“O Canadá e os Estados Unidos têm bastante tradição no slalom, eles estavam em casa, mas mesmo assim conquistamos bons resultados. No C2 conquistamos segundo lugar com o Anderson e o Jean”. Analisa Édrei.

Pouca gente se dedicava ao C2 na época. Quem se destacava eram os também trescorenses, Cássio e Emilio. “Numa prova em Cerquilha, São Paulo, conseguimos a vaga pra representar o Brasil no Campeonato Pan-Americano do Canadá”. Lembra Anderson Weber.

“O pessoal sempre se ajudou bastante durante os treinos, dando orientações e dicas, sempre foi assim na Asteca. Mas na competição, cada dupla estudava e se dedicava pra usar a melhor estratégia e conseguir o melhor desempenho. Com muita ajuda do treinador, que era o Édrei na época. Com as orientações dele, o Jean e eu montávamos a estratégia”. Revela Anderson Weber.

“Na seletiva em Cerquilha, vencemos por uma diferença mínima, na última descida. A gente treinava juntos, eles nos ensinaram bastante. Evoluímos muito com eles”. Revela Jean Möller.

“Passamos a usar o barco usado por eles, que era a melhor canoa, isso nos destacou ainda mais”. Recorda Anderson Weber. “O treinamento era pra chegar lá e ganhar, mas sabíamos que a dificuldade era bem grande, competir com os americanos é sempre muito difícil, pelo alto nível, tradição e equipamentos

deles. Muito na raça, conseguimos o segundo lugar naquele Pan-Americano”.

“A gente focou bastante nessa categoria, muitas vezes deixada de lado. Treinadores e todo mundo da Asteca viram potencial e acreditaram em nós. Baixamos a cabeça e começamos a treinar e estudar para a categoria C2”. Conta Anderson Weber. Com isso, a dupla voltou para o Brasil com a vaga para o mundial na bagagem.

“Eu remava C1, um dia falei pro Anderson pra gente brincar na C2, a gente gostou e começamos a treinar forte”. Recorda Jean Möller. Foram três anos treinando forte, do final de 2008 ao final de 2011. “A gente se tornou a melhor canoa daquela fase. No final de 2011, já eram sete canoas competindo no C2”.

Édrei Ascencio, que foi o técnico da seleção naquele Pan-Americano de 2009, tinha uma relação bastante próxima com a categoria C2, pela qual havia disputado o mundial de 1997 em Três Coroas. “Sou suspeito pra falar da categoria C2, fiz parte da primeira canoa dupla que representou o Brasil em uma competição internacional”. Revela.

“O Jean e o Weber remavam, no final dos treinos eles pegavam um pouco a C2 e se davam bem. O mais difícil era fazer o trabalho fora do barco, estudar a pista”. Considera Édrei Ascencio. “Por vontade própria, eles decidiram focar os treinos e se aprimorar na C2. Essa modalidade, infelizmente, teve sua última participação olímpica em 2016”.

“Depois desses resultados positivos, a modalidade C2 teve mais gente fechando duplas e se dedicando aos treinos”. Conclui Édrei Ascencio.

“O Anderson e o Jean priorizaram o C2 e se dedicaram muito mesmo. Eles eram bem mais novos, por ter um pouco

mais de experiência, a gente se ajudava”. Conta Cássio Petry. “Algumas associações começaram a se dedicar mais ao C2, após isso”.

No Mundial de 2010, na Eslovênia, Gustavo Selbach, além de atleta, também foi chefe de equipe. “Treinei bastante junto com o Jean e o Anderson. Eu sempre achei bonito ver o C2, infelizmente foi retirado das olimpíadas. Acho que a modalidade não deveria ter morrido, por ser bonito de assistir e por ter a possibilidade de juntar dois atletas que remam em categorias diferentes, isso desenvolve outras habilidades no atleta”. Considera. “Eu nunca remei C2, mas sempre gostei bastante. Em toda minha trajetória, acompanhei a modalidade, em um determinado momento, ela evoluiu bastante, com os irmãos eslovacos que ganharam vários ouros em mundiais e olimpíadas. Além deles serem competitivos, era bonito de ver a harmonia deles remando”.

“A cultura lá fora é bem forte na canoagem slalom, tem muita tradição, são várias competições com atletas de alto nível. Participar de uma competição com atletas olímpicos e campeões mundiais é um aprendizado muito grande”. Considera Anderson Weber.

Após a categoria C2 sair das olimpíadas, acabou sendo deixada um pouco de lado pelas associações. “Cada um tem uma função, fazendo coisas diferentes no tempo certo pra movimentar o barco pela pista. É uma categoria muito bonita, uma pena ter saído das olimpíadas”. Analisa Anderson Weber.

“Quando eu comecei a remar e competir, meu objetivo era participar de um mundial, treinar e chegar lá”. Recorda Weber.

“Eu mudei de modalidade para me dedicar ao C2, pois tínhamos maiores chances de representar o Brasil nas competições internacionais”. Diz Anderson Weber, que

realizou seu objetivo no Mundial de 2010 na Eslovênia. “Aí sim mudou o foco e trabalhamos bastante. Olhamos muitos vídeos dos melhores. Estudamos muito. Foi uma dedicação na parte técnica, física e psicológica para aquele objetivo. É muito gratificante”.

Após um período na Europa, voltar para o Brasil, comer o que está acostumado, estar próximo dos amigos e família, faz bem para o atleta que chega carregando um pouco mais de experiência. Isso tudo, reflete na água.

“Lá a alimentação é um pouco diferente da nossa no Brasil”. Recorda Anderson Weber. “Emagreci quatro quilos num período na Europa. A comida era um pouco diferente, eu não comia muito, treinava forte. No café da manhã eu fazia um sanduíche pra guardar para a tarde”. Revela Jean Möller. A alimentação pode inclusive alterar o desempenho dos atletas nos treinos e competições.

Sobre a temporada na Europa e o aprendizado que carrega na bagagem e aplica enquanto dirigente da Asteca, Jean Möller define com a frase: “É basicamente um antes e um depois”. Segue explicando os motivos. “Depois de ter visto que o treino deles não é muito mais do que o nosso, percebemos que não estávamos muito longe. O que nos faltava era competição. No Brasil temos, quando muito, quatro competições por ano. Na Europa, só de copa do mundo, são cinco etapas, o Mundial Júnior e o Sub-23, geralmente são lá, mais as competições nacionais deles. Então eles chegam a fazer de 10 a 15 competições por ano”. Reflete.

“A partir de 2009, a Confederação começou a priorizar os barcos da categoria júnior. Com isso, a categoria sênior dificilmente viajava. Tanto que o Gustavo Selbach e o Cássio Petry, mesmo sendo os melhores barcos, perderam muitas

oportunidades. Outros atletas muito mais jovens, que não chegavam nem perto do tempo deles, mas atingiam a porcentagem mínima exigida pela confederação, ficavam com a vaga. Os de fato melhores, ficavam de fora. Isso também aconteceu comigo. Quando eu tinha o melhor tempo do Sub-23, estava ainda bem atrás do Cássio, mas bem na frente dos outros da categoria júnior, mas acabava sem a vaga porque tinha um pouco mais de idade”. Recorda Jean Möller.

“Em 2012, teve o Campeonato Pan-Americano em Foz do Iguaçu, que foi seletiva para os Jogos Olímpicos. Eu já não remava mais C2, estava bem focado na C1. Lá, eu andei muito mal, mas acabei comprando outra canoa. Eu tinha uma canoa boa, mas não era ideal para mim. Depois disso eu comecei andar bem, fui para o Mundial Sub-23 nos Estados Unidos”. Lá Jean Möller foi a melhor canoa brasileira, sendo um dos semifinalistas. Em março de 2013, foi a melhor canoa da seletiva brasileira. Com isso, embarcou para uma temporada na Europa. “Fiquei três meses lá, fiz etapas da Copa do Mundo, Mundial Sub-23 e o Mundial Sênior na República Tcheca”.

“Em Praga, capital da República Tcheca, onde participei do Mundial, tem uma pista que envolve muito a população. Durante o dia é fechada para os treinos da equipe, mas depois das cinco da tarde é aberta. Qualquer pessoa pode ir remar lá, e vão mais de 100 pessoas por dia, dos 10 aos 80 anos”. Lembra Jean Möller. “Aqui em Três Coroas é mais difícil, temos hoje (2019) pouco mais de 20 pessoas remando, incluindo escola e equipe de treino. Tem muita gente que parou de remar, que às vezes vai remar no Parque, num final de semana”. Conclui Jean Möller.

REMAR NO PARQUE DAS LARANJEIRAS É DIFERENTE!

Algumas coisas não mudam com o passar dos anos, uma delas, a magia em remar no Parque das Laranjeiras. “Faz a diferença, parece que a torcida ajuda a empurrar o barco”. Considera Guilherme Mapelli.

“Remar em Três Coroas sempre teve uma motivação diferente. O evento com atividades culturais, todo mundo indo pro Parque, torcendo na beira da água. O contato com a natureza faz um ambiente com uma energia diferente”. Afirmo Gustavo Selbach.

Muita gente se sente em casa em Três Coroas, mesmo sendo de outras cidades.

“A falta do sinal de telefone no Parque também conecta mais as pessoas. Além do ambiente acolhedor, a água limpa, a mata”. Conclui Gustavo Selbach.

“A galera que vêm de outros lugares do Brasil gosta muito de remar aqui, é um rio bem técnico. Nossa pista tem um pouco de tudo, tem remanso, tem onda, tem refluxo”. Considera Anderson Weber. “Três Coroas é uma pista natural, é totalmente diferente das outras do Brasil, temos um rio muito privilegiado”.

“Remar fora é sempre mais difícil, remar no Parque das Laranjeiras é diferente. A cidade, a torcida, a energia positiva da

galera na beira da pista. Tudo isso deixa o atleta mais confiante”. Reflete Anderson Weber. “Quando se está no meio da pista e escuta um ‘Vai! Vai! Vai!’, por mais que esteja cansado, aquele gás a mais vem pra poder representar bem a torcida”.

Em 2012, o Campeonato Brasileiro Sênior foi no Parque das Laranjeiras. “Foi a primeira vez que ganhei um Campeonato Sênior. O Cássio ainda treinava forte. Ele é meu ídolo. Ganhar dele mostrou que eu tinha chegado no alto nível”. Revela Jean Möller.

A Copa Brasil de 2013 também foi em Três Coroas, no Parque das Laranjeiras. “Quando voltei, depois de três meses na Europa. Faltava 10 dias pra competição. Mas a companhia aérea não transportou minha canoa”. Conta Jean.

Quando o treinador da Seleção Brasileira, que era um italiano, Etori Ivaldi, veio para o Brasil, depois de passar uma semana na Itália, conseguiu embarcar a canoa em outro aeroporto. “Fiquei até o dia da prova sem minha canoa, treinando com barco emprestado, que é totalmente diferente”. Relata Jean Möller. “Naquela prova, eu estava muito cansado fisicamente, voltando de seis competições na Europa. Minha descida foi empurrada pela galera torcendo por mim. Quando me lembro daquele dia, me arrepio. Muita gente gritando. Foi aquele gás a mais. Eu acho que se não tivesse esse apoio, naquele dia eu não conseguiria”.

No Campeonato Brasileiro de 2014, que também aconteceu em Três Coroas, novamente no Parque das Laranjeiras, Guilherme Mapelli foi destaque, quando surpreendeu chegando em segundo lugar. “Com o resultado, também fiquei em segundo no ranking nacional. No ano seguinte, fui chamado para a equipe permanente no Centro de Treinamento em Foz do Iguaçu”. Recorda.

“Eu estava um pouco atrás dos primeiros barcos, até porque estava saindo da categoria júnior e ingressando na sênior. Foi uma das minhas melhores provas no sentido de superação”. Considera Guilherme Mapelli.

MUNDIAL MASTER 2013

O Prêmio Brasil Olímpico escolhe, desde o ano 2000, o melhor atleta brasileiro de cada modalidade olímpica. Cássio Petry e Gustavo Selbach foram os dominantes nos primeiros anos, uma hegemonia que demonstra a qualidade desses dois atletas olímpicos da Asteca. Cássio Petry foi escolhido em quatro ocasiões, nos anos 2000, 2002, 2004 e 2011. Já Gustavo Selbach, foi vencedor em cinco anos, 2001, 2003, 2005, 2006 e 2007.

“Tive a oportunidade de ver o Cássio e o Gustavo ganharem o Mundial Master de 2013, na Itália. O Cássio sempre foi muito pilhado pra competição, era difícil vencer ele, da mesma forma o Gustavo, que se concentra e faz acontecer. Consegui absorver um pouco dessa competitividade deles. Quando eles entram na água, sabem competir”. Revela Guilherme Mapelli. “Na Europa são muitas competições de alto nível, muitas provas durante o ano, isso ajuda a evoluir no esporte”.

“Eu abri a pista do Mundial Master de 2013, fiz o melhor tempo da pista”. Recorda Guilherme. Que naquele ano também participou do Open de Canoagem na República Tcheca, ficando em quarto lugar.

“Fomos por conta própria, também pra pegar equipamentos. Foi minha última viagem pra outro continente. Foi muito bom ter participado e ter vencido aquela prova.

Recentemente, teve outro mundial master, no mesmo lugar, às vezes eu recebo convite de amigos pra participar”. Conta Gustavo Selbach.

“A gente foi com nosso próprio dinheiro, também para comprar equipamentos”. Recorda, também, Cássio Petry. “Tinha muita gente com quem já tinha competido em outros momentos da carreira. Foi uma das minhas últimas viagens enquanto atleta e a última conquista internacional. Depois desse campeonato, voltei a competir somente no Brasil”.

“Os equipamentos, no início, eram os fabricados no Brasil mesmo. Barcos modelo surfinho e remos com pá de plástico, muitos com cabo de madeira, que eram bem mais pesados. Os caiaques tinham o dobro do peso de hoje”. Recorda Roger Eckhard.

O esporte está sempre em evolução, o material de ponta também chegou quando os atletas locais começaram a viajar para as provas internacionais. Lá adquiriam novos equipamentos, então passavam os usados para os demais atletas da cidade.

“Pra gente ter acesso a equipamento de competição, só depois das primeiras viagens pro exterior. Depois que começaram a vir os gringos, eles deixavam algum equipamento, que era muito disputado. Além disso, quando a gente vinha de competições na Europa, trazia equipamentos e acabava repassando pros atletas daqui”. Revela Márcio Tomazoni. “O maior volume de estrangeiros por aqui foi no Pré-mundial de 1996 e no Mundial de 1997, então, muito equipamento ficou por aqui”.

“Mudaram muito os equipamentos. Nossos barcos eram de 4 metros, de carbono, hoje são de 3,5 metros, e mais leves ainda, conforme as mudanças das regras”. Comenta Cristian

Krummenauer. “O slalom está sempre em evolução. Hoje existe um colete salva vidas com 1 centímetro de espessura, que antigamente era de 5 centímetros, uma diferença que muda bastante a mobilidade para o atleta de alto rendimento”. Conclui.

“Quando comecei a me dedicar para o slalom, meu primeiro barco foi de uma fabricante de Minas Gerais, que fazia um equipamento mais específico para a modalidade, produzido em fibra de vidro. Mas o que foi importante para aquisição de equipamentos melhores foram as viagens para o circuito internacional, de onde sempre trazíamos novidades”. Recorda Gustavo Selbach. “Todos os anos, ao trocar de equipamentos, o que estava sendo usado era vendido aos demais remadores. Dessa forma, aos poucos, conseguimos deixar o pessoal da cidade com um equipamento melhor”.

“Em uma viagem, cheguei a trazer 12 remos novos para repassar pro pessoal. Sem interesse financeiro, mas para ver o esporte evoluir”. Comenta Gustavo Selbach, que confirma que ficaram muitos barcos em Três Coroas após a Copa do Mundo de 1996. “Foi um prato cheio, não só pra nós, mas pra todo mundo da América do Sul”.

OLIMPIADAS 2016 E A ARBITRAGEM

“Em 2013, já havia indicativo de que o Brasil precisaria de um árbitro com exame internacional, por ser a sede das Olimpíadas de 2016. Dentro disso, fui enviado em 2013 para o Mundial Júnior Sub-23, onde arbitrei e passei no exame. Na sequência, já fui convocado para o Mundial Sênior da República Tcheca, que aconteceu três meses depois”. Recorda Luiz Ebert. “A abertura em Praga foi fantástica, pois eles estavam completando 120 anos de canoagem. O berço da canoagem é lá. Tinha arquibancada para cinco mil pessoas e nenhum lugar vazio. Eles levam um grande público para a canoagem”.

Lá, Luiz Ebert foi avaliador do Comitê Olímpico Brasileiro, ou seja, além de trabalhar na arbitragem, também verificou toda a estrutura de prova, que foi para um relatório após o evento. “Em todas as remontas, que são as portas vermelhas, tem uma filmadora própria. Lá, mesmo se questionou por que manter um árbitro na pista para essas portas. A resposta é: para não perder a pessoalidade da prova. Também porque eliminar o árbitro a nível mundial dificulta criar árbitros nos locais de base da canoagem, onde os recursos de vídeo para auxiliar na arbitragem vão demorar muito para chegar”. Considera Ebert, que após essas duas provas, foi chamado para provas internacionais na Austrália, Estados Unidos, Foz do Iguaçu e Londres, para depois fazer parte do evento teste e da Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro. “É uma reação em

cadeia, foram quatro anos de processo”.

No ciclo olímpico em que antecedeu os jogos de 2016, ocorreram muitas mudanças na canoagem brasileira, preparando o esporte para as Olimpíadas do Rio de Janeiro. “Antes disso, não se pensava muito nos Ciclos Olímpicos, também não existia dinheiro para isso”. Comenta Cássio Petry.

“A canoagem foi uma brincadeira que deu certo para Três Coroas, muita gente apoiou e é responsável por tudo isso. Se tivesse feito um plano pra fazer um esporte e ir para as olimpíadas, não teria acontecido. Ter tido a oportunidade de carregar a chama olímpica em 2016, foi uma coisa que eu nunca pensei que iria fazer, me deu noção do real significado de tudo que aconteceu”. Reflete Leonardo Selbach.

Os trescoroenses carregaram a tocha após um movimento dos atletas olímpicos. “Iriam participar do revezamento da tocha, 12 mil pessoas em todo Brasil, e tínhamos em 2016 cerca de 700 atletas olímpicos vivos”. Conta Gustavo Selbach, que fez parte do carregamento da chama olímpica na cidade de Gramado, no mês de julho de 2016. “Eu tive a honra de passar a chama para o Leonardo, meu irmão. Nós ganhamos a tocha, por sermos atletas olímpicos”.

“Quando carregamos, muita gente de Três Coroas foi prestigiar. Isso demonstra o envolvimento de um grupo”. Avalia Leonardo Selbach. “No começo, todo mundo apoiava. Era um esporte novo, tudo a ver com a cidade. Tinha que dar certo”. Conclui Leonardo Selbach.

“A pista do Parque de Deodoro, que recebeu a canoagem slalom nos Jogos Olímpicos de 2016, teve participação de trescoroenses na parte técnica de construção da prova. A equipe técnica da prova tinha muita participação de pessoas de Três Coroas”. Pontua Cristian Krummenauer, lembrando

também que trescoreenses foram comentaristas nas transmissões pela televisão.

Além de comentar os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio. Gustavo Selbach também comentou os Jogos de 2004, 2008 e 2012, além de outras competições internacionais. “É um pouco do que estou colhendo depois de ser atleta. Esse reconhecimento me ajuda com o que trabalho hoje, que é o treinamento corporativo”. Considera.

Além de atletas e comentaristas, foram muitos os árbitros de Três Coroas para contribuir no desenvolvimento da canoagem slalom brasileira ao longo da história.

“A equipe de arbitragem foi crescendo, quando percebemos estava indo arbitrar provas em outros estados, de tão bem preparada que ficou”. Lembra Márcio Tomazoni.

“De 2001 em diante, não perdi nenhuma prova em Três Coroas. Antes disso, arbitrei no Mundial de 1997, também em algumas provas nacionais. Para algumas competições mais importantes, como Campeonato Brasileiro, a organização ligava para Três Coroas solicitando alguns árbitros, que seguiam no ônibus com os atletas para algumas provas em outros estados”. Recorda Luiz Ebert.

A importância de Três Coroas para a canoagem vai além das participações olímpicas dos atletas. “Temos dois árbitros olímpicos em Três Coroas, o André Behs também participou de diversas edições. Nenhuma outra modalidade esportiva tem isso.” Afirma o também árbitro olímpico, Luiz Ebert.

Dos anos 1990 até os dias atuais a canoagem evoluiu bastante no Brasil, o nível de exigência da arbitragem ajudou a preparar os atletas para o alto desempenho no exterior. “Antes, alguns atletas andavam bem, mas na Europa sofriam penalizações que comprometiam o desempenho”. Avalia Luiz Ebert.

“A arbitragem passou para um nível de exigência maior. Em algumas situações, a falta de convivência com alguma penalidade, não habilitava o árbitro a penalizar aquela situação”. Diz Luiz Ebert. “Na final, são dez atletas que vão descer a pista, a arbitragem precisa estar atenta e não errar”. Finaliza.

ESCOLA DE CANOAGEM DA ASTECA

Centenas de pessoas passaram pela Asteca, muitos alunos da escola de canoagem não conquistaram resultados expressivos nas competições que participaram, mas a canoagem não foi menos importante na vida deles por isso.

“Vários remadores e ex-atletas assumiram a escolinha, que teve muitos altos e baixos. Todo ano tem esse ciclo, que começa com a entrada da primavera, passa pelo verão, que quando acaba, traz uma desistência muito grande do número inicial de alunos. Para continuar durante o inverno e fechar o ciclo de um ano remando é preciso gostar bastante do esporte”. Avalia Flávio Belotto. “Desde o início até os dias de hoje, a escolinha sempre foi gratuita, quem quiser conhecer a canoagem pode fazer isso, com um monitor orientando e o equipamento da Asteca. Claro que é um equipamento simples, mas sempre tivemos essa proposta de ensinar a canoagem”.

O dirigente ainda considera que é preciso se dedicar, por vezes abrir mão de algumas coisas. Um grupo motivado também é importante. “Só funciona com a união do grupo, uns puxando os outros”. Afirma Flávio Belotto.

“A Asteca é a entidade mais antiga da canoagem slalom em funcionamento no Brasil. Todo o ano recebe alguma prova nacional em Três Coroas. Também, segue a escolinha sempre formando atletas”. Finaliza Flávio Belotto.

“Nos anos 90, ainda não era possível viver do esporte. A

gente trabalhava, estudava e treinava. A Asteca sempre apoiou os atletas, nunca deixou na mão, a prefeitura de Três Coroas também sempre ajudou”. Recorda Cristian Kruppenauer. “Hoje, os melhores resultados da canoagem brasileira são os conquistados sob o comando técnico de um trescoreense. Não tem como falar da canoagem slalom no mundo sem lembrar de Três Coroas”. Considera.

“A Asteca ajudou muito a trazer técnicos, os melhores atletas eram daqui. A iniciativa sempre era nossa pra melhorar o desempenho do Brasil nas provas internacionais”. Comenta Cristiano Arozi.

“Quando eu comecei na canoagem, em 1992, a Asteca ainda não tinha uma organização de escolinha, mas eu usava o material da Associação. Todo mundo se ajudava. Anos mais tarde, a escolinha passou a ter um instrutor, mas até hoje, todo mundo se ajuda bastante colaborando nos treinos”. Observa Cássio Petry. “Nem todo mundo que entra na Asteca se torna um atleta, mas o esporte é importante para todos. O papel da Associação é apresentar o esporte pra todo mundo”.

“O pessoal da Asteca sempre me ajudou muito, não só dentro da água, mas fora também. A Asteca tem esse papel acolhedor, mostrar o que é certo e o que é errado”. Revela Guilherme Mapelli. “A Asteca nunca chegou a cobrar mensalidade, não tem custo pra aprender a remar. Fornecemos colete, capacete, barco, remo e instrutor para os iniciantes”.

“Quem era do caiaque, puxava a galera pra trocar ideia. Eu remava canoa, então sempre era na conversa, mas também olhando vídeos na televisão. Depois, quando tivemos técnicos, entramos num outro momento. Foi quando a gente percebeu que dava pra chegar lá e incomodar um pouco mais”. Recorda Roger Eckhard.

“Às vezes, a gente revezava com uma câmera filmadora na beira do rio, pra gravar as descidas e avaliar o que poderia ser melhorado. Nos ajudávamos bastante uns aos outros. A busca para melhorar os resultados era nos detalhes”. Pondera Gustavo Selbach.

“Para aprender a fazer o rolamento, praticamos por uns dias na piscina da casa do Dr. Mauro. O Ludgero e eu ficamos assistindo um vídeo de um alemão fazendo rolamento. Depois, quando chegamos na beira do rio, com uma hora de treino as pessoas já aprendiam a fazer”. Revela Fabio Fritz Haack.

“Teve um período que fizemos divulgação da canoagem na cidade, indo também nas escolas, convidando as crianças para participar da escolinha de canoagem, que é uma experiência importante para a vida das pessoas”. Diz Leonardo Selbach. “A canoagem é uma maneira de causar um contato das pessoas com o esporte e com a natureza. O esporte acaba sendo importante mesmo para quem não continua praticando”.

“A maioria dos atletas se torna professor quando pode passar seu conhecimento das competições, as técnicas, e pode ajudar os que estão começando”. Conta Anderson Weber. “O meu objetivo era treinar e competir, ser instrutor da Asteca foi uma oportunidade de ensinar o que eu sabia. É bom ensinar e ver o desenvolvimento dos alunos”. Finaliza.

O NOVO MOMENTO DA CANOAGEM BRASILEIRA

Evolução da canoagem brasileira sempre passou pelas águas do rio que corre ligeiro. “Um dia alguém começou, passaram o conhecimento para nós, agora estamos tentando passar adiante”. Reflete Cássio Petry, que em janeiro de 2017 assumiu a função de treinador da Seleção Brasileira de canoagem slalom. Os resultados foram expressivos em várias competições, no Mundial da França em 2017, no Mundial do Rio de Janeiro em 2018, também em competições de 2019 como o Mundial Júnior e Sub-23, etapas da copa do Mundo e nos Jogos Pan-Americanos de Lima, no Peru.

Em 2020 chegaram as inéditas conquistas do bronze no k1 masculino, em etapa realizada em Tacen, na Eslovênia. Também o ouro no C1 feminino, na mesma competição. Levando respectivamente os brasileiros Pedro Gonçalves e Ana Sátilla ao pódio.

“Os resultados aumentam a confiança. Sempre vai haver algum tipo de crítica. Agora estamos nos preparando para as Olimpíadas de Tóquio, acho que estamos no caminho certo”. Avalia Cássio Petry. No ano de 2000, quando foi para a olimpíada enquanto atleta, a busca por resultados era algo muito longe da realidade da canoagem brasileira. Participar já era um fato de grande importância. Na condição de treinador,

além de buscar a vaga, o sonho da medalha olímpica já não é algo tão distante da realidade que se encontra a canoagem brasileira duas décadas depois. “Naquela época, participar já era algo importante, tanto para a Confederação, para a Associação e para o atleta. Hoje, a gente tem que competir e tem condições de buscar medalhas. A cobrança é maior”. Considera Cássio Petry.

CAMPEONATOS PAN-AMERICANOS DE 2018 E 2019 EM TRÊS COROAS

Em 2018, após 10 anos sem receber competições internacionais, o Campeonato Pan-Americano de Canoagem Slalom aconteceu novamente em Três Coroas. Nesse intervalo de tempo, o esporte cresceu muito no Brasil. “Três Coroas nunca ficou um ano sem sediar algum campeonato importante, desde o início do Parque das Laranjeiras”. Observa Jean Möller.

“A Federação Internacional de Canoagem está com uma tendência de voltar com as pistas naturais. As principais provas, atualmente, são em pistas artificiais. Isso tem um custo muito alto, difícil pagar e manter. Tanto que por isso, a pista feita para as olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, fica bastante fechada”. Afirmo Jean Möller. “Lá, a água é movida por bombas, que tiram a água da parte de baixo da pista e levam novamente para a parte alta. Isso consome muita energia. Em Três Coroas, a gente usa a água que segue o fluxo natural do rio”.

“Em 2019, era pra acontecer o Mundial Júnior e Sub-23 no Rio de Janeiro, mas a Confederação informou, dois anos antes, que não iria conseguir fazer. Mantiveram somente o Mundial Sênior de 2018 por lá. As competições de 2019 foram transferidas para a Polônia”. Complementa Jean Möller.

“O Pan-Americano de 2019 poderia ter acontecido nos

Estados Unidos. Mas um próprio americano, que faz parte da Confederação Panamericana, sugeriu fazer em Três Coroas novamente”. Revela Jean Möller. “A princípio, a competição seria no Peru, como um evento teste para a pista dos jogos Pan-Americanos. A pista não ficou pronta a tempo. As opções então foram na Argentina, que tem poucas pistas e sem muita qualidade técnica, mas sempre é uma opção. Além da pista artificial de Charlotte, nos Estados Unidos”.

Mas o Campeonato Pan-Americano de 2019 foi no Parque das Laranjeiras novamente, seis meses após o realizado em 2018.

“Os atletas ficaram satisfeitos com a estrutura, o nível do rio e a oportunidade de desenvolvimento no esporte. Alguns peruanos permaneceram após o Pan-Americano de 2019 treinando em Três Coroas, fazendo a preparação para os Jogos Pan-Americanos de Lima, em seu país. A gente tem uma estrutura muito boa”. Destaca Jean Möller.

“Três Coroas tem credibilidade dentro do contexto Pan-Americano. todo mundo gosta da cidade. Juntando isso com a capacidade de organização que a cidade oferece, com boa estrutura, o rio bom, e temos atletas muito bons, isso tudo ajuda”. Destaca Gustavo Selbach. “A cidade continua sendo importante, uma referência para o esporte. Eu diria que no Brasil não existe um local com melhores possibilidades e uma estrutura que se sustenta ao longo do tempo igual Três Coroas”.

No campeonato Pan-Americano de 2018, o instrutor da Asteca e atleta, Guilherme Mapelli, teve a torcida dos alunos que o viram participar de uma competição internacional. Não teria como deixar de ser um exemplo. “Me dedicando na canoagem e estudando, sigo tentando ser um bom exemplo aos mais jovens”.

“Hoje existe uma discussão mundial para não construção de pistas que não tenham água por vertentes naturais, isso não é mais sustentável. Ainda foi construída uma pista assim no Rio de Janeiro, que fica abandonada. Existe um amadurecimento e Três Coroas faz parte disso, pois mesmo depois de 20 anos, continua sendo uma pista importante. Muito bela, com uma comunidade participativa. Isso faz diferença na modalidade”. Considera Cristian Krummenauer.

“Há mais de 30 anos Três Coroas sempre realiza algum campeonato importante, alguma etapa da Copa Brasil, Campeonato Brasileiro, Sul-americano, Pan-Americano, Copa do Mundo ou Mundial. Hoje, podemos dizer que a cidade está entre as melhores estruturas do Brasil para a prática da canoagem slalom. O Rio de Janeiro tem um custo e não tem atletas locais, já no Paraná a pista tem as questões ambientais e nem sempre tem disponibilidade no canal. Em Três Coroas, mesmo com o rafting, a canoagem pode ser praticada o ano todo. Quando tem prova marcada para Três Coroas, todos os atletas do Brasil esperam e sabem que vai acontecer um bom evento. A Asteca tem um papel fundamental pra fazer as coisas acontecerem”. Analisa Cássio Petry.

“A Asteca é uma das únicas associações de canoagem que tem autonomia no Brasil, muito pela concessão de uso do Parque das Laranjeiras. Com isso a Asteca consegue angariar fundos e não precisa bater na porta de político, ou construir projeto pra conseguir algum dinheiro e organizar as competições”. Observa Édrei Ascencio.

“Nossa pista não perde nada para muitos lugares do mundo. Temos água o ano todo, em qualquer momento podemos fazer um bom evento, temos um lugar ótimo”. Destaca Fabio Fritz Haack.

“A gente tem a melhor estrutura de organização de uma competição no Brasil. Tem tudo na mão”. Observa Cristiano Arozi.

“Três Coroas é mais que uma pista, é um contexto. Poucas entidades no Brasil conseguem ter esse apoio da comunidade. A canoagem consegue se manter através do Parque das Laranjeiras, que é municipal, que garante a continuidade do esporte. Três Coroas é a válvula de escape da canoagem brasileira, com uma estrutura e um custo que a associação consegue manter”. Considera Leonardo Selbach. “É um motivo de orgulho não ficar dependendo de recursos públicos pra tudo, a Associação consegue se manter e gerar sustentabilidade através do Parque”.

“A gente conseguiu se manter. Todos os anos tivemos provas nacionais, muitas vezes o campeonato brasileiro, que é a prova principal”. Comemora Flávio Belotto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre a canoagem tem sido uma acertada e satisfatória escolha, que por consequência, proporciona experiências inéditas, como esse livro.

Sinto-me realizado com esse projeto, que permite andar por caminhos que a pouco tempo atrás nem poderiam ser imaginados, que levam para onde não podemos ver.

Em diferentes cadeiras, na universidade, repeti que o jornalismo é uma importante ferramenta de cidadania. Esse trabalho tem o objetivo de valorizar a história local, estimular o esporte e a leitura. É trazer para a vida real aquela teoria dos livros acadêmicos, que algumas vezes pareciam tão distantes.

Todas as entrevistas me fizeram perceber que o amor em comum das pessoas pela canoagem precisaria estar registrado.

Foram muitos finais de semana transcrevendo e estudando as pautas passadas, também preparando as seguintes, para chegar ao entrevistado e arrancar um conteúdo que pudesse dar continuidade à narrativa. Dessa forma, foi possível intercalar as entrevistas pra conduzir a história.

Muitas curiosidades também surgiram durante o processo, como a caçamba que era o transporte para as competições estaduais. Quando tocava nesse assunto, durante as entrevistas, o sorriso chegava junto com a emoção dos entrevistados, que misturavam a surpresa pela pergunta com a alegria daquela lembrança.

As falas também ganhavam entusiasmo quando chegava no assunto da curva do S, assim chamada antes mesmo de lá existir o Parque das Laranjeiras, e mesmo depois do local receber competições, o entusiasmo gerado com o assunto causou boas lembranças em todos.

A relevância do conteúdo sempre foi algo que considerei importante. Deixar o conteúdo interessante para pessoas com diferentes níveis de entendimento sobre a canoagem, também foi um cuidado que fez parte do projeto o tempo todo.

As entrevistas, de forma geral, foram realizadas em agências, empresas ou casas dos entrevistados. Algumas conversas também aconteceram no café junto à Biblioteca Municipal, que agora podemos dizer que faz parte da história desse livro.

Fica registrado o agradecimento aos entrevistados, que também estendo aos atletas de canoagem da cidade, aqueles que participaram de importantes competições internacionais ou brasileiras, mas também aqueles que se divertiram fazendo algumas aulas na escolinha da Asteca. A admiração de todos pela canoagem é inspiradora. Espero um dia transmitir, de forma parecida, minha agora não mais oculta paixão pela escrita.

A pandemia fez muita coisa mudar. O lançamento do livro foi adiado. A versão e-book, disponibilizada de graça na internet, pra facilitar a leitura no período de distanciamento social.

Durante a escrita desse livro, aprendi que parte importante da escrita está além das palavras, mas nos sentimentos que as geram e sustentam.

Enquanto as ideias repousam no texto, elas estão ganhando força para se agarrar em quem as lê.

Esse último texto mesmo, não me sentia inspirado por vários dias a melhorar a escrita burocrática que trazia

constatações finais sobre o livro. Tem muita coisa que não precisa ser escrita aqui. Quero que essas palavras só gerem bons sentimentos em quem se permitir abrigar eles.

Já com o livro em andamento, participei da formação do Conselho de Política Cultural de Três Coroas. Ao formar o Conselho, criamos o regimento interno, onde fiz questão de incluir o objetivo de fazer da cultura uma ferramenta para movimentar a economia e desenvolver o turismo da cidade. Além de fazer da cultura uma alternativa para melhorar a qualidade de vida da população local. Os mesmos objetivos nortearam esse projeto.

Admito que algumas vezes duvidei que esse livro pudesse realmente acontecer. Escrever um livro era algo que parecia tão distante. De tanto insistir, está aqui, pronto para ser criticado. Espero que gostem.

Talvez já tenha se percebido, ou nem mesmo seja importante. Mas gostaria de registrar que esse projeto tem assinatura de um sagitariano entusiasta pela cidade de Três Coroas.

Três Coroas, setembro de 2020

APOIADORES:



PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS COROAS